

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E UMA AÇÃO  
EXTENSIONISTA: CARTOGRAFANDO UMA  
EXPERIÊNCIA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Marília Regina Hartmann**

**Santa Maria, RS, Brasil.**

**2012**

# **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E UMA AÇÃO EXTENSIONISTA: CARTOGRAFANDO UMA EXPERIÊNCIA**

**Marília Regina Hartmann**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Educação.**

**Orientadora: Prof. Dra. Valeska Maria Fortes de Oliveira**

**Santa Maria, RS, Brasil.**

**2012**

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Hartmann, Marília Regina

A formação de professores e uma ação extensionista:  
cartografando uma experiência / Marília Regina Hartmann.-  
2012.

82 p.; 30cm

Orientadora: Valeska Maria Fortes de Oliveira  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em  
Educação, RS, 2012

1. Formação. 2. Extensão. 3. Cartografia. I. Oliveira,  
Valeska Maria Fortes de II. Título.

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação de Mestrado

**A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E UMA AÇÃO EXTENSIONISTA:  
CARTOGRAFANDO UMA EXPERIÊNCIA**

elaborada por  
**Marília Regina Hartmann**

como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Educação**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

**Valeska Maria Fortes de Oliveira, Dra.**  
(Presidente/Orientador)

**Marcos Villela Pereira, Dr. (PUC/RS)**

**Deisi Sangoi Freitas, Dra. (UFSM)**

Santa Maria, 09 de novembro de 2012.

*Dedico este trabalho  
à potência de vida que há em cada um de nós.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à vida e tudo que ela me possibilita viver;

A minha mãe, Carla, pelo apoio incondicional e acompanhamento diário, em todo este processo e por não deixar de acreditar em mim;

Ao meu pai, Alcides, pelo incentivo aos estudos e por ser um exemplo de que é possível alcançar os sonhos pelo empenho e pelo trabalho;

A minha irmã, Andressa, que é muito além de uma irmã, é uma amiga que compartilha sonhos, dificuldades e muitas alegrias, estando sempre comigo;

Aos meus avós, tios, tias, primos, primas, pelos encontros, orações e palavras positivas;

À tia Noemi, que me incentivou a estudar em Santa Maria, quando eu ainda era criança, ideia de que me alimentei e, cá estou eu, há seis anos;

Aos primos Josefine e Joaquim pelo incentivo no momento final deste trabalho;

À família que encontrei em Santa Maria: Ionice, Edison, Nicolas, Vanessa, Bruna, Marília, Etiene, Camila, Mariana e Polliana. Agradeço, em especial, à Monique, com quem divido o apartamento 306, as questões da nossa profissão e, o mais importante: a amizade;

Aos meus amigos e amigas de infância, da dança, da faculdade, do mestrado e dos grupos que já participei e que também fizeram parte deste momento;

Ao GEPEIS, grupo de pesquisa que me acolheu, desde a graduação, e que me mostrou inúmeros caminhos e aprendizagens, pela vivência em grupo e por fazer parte da minha formação; às pessoas maravilhosas que, a partir dele eu pude conhecer e que marcaram minha vida. Meu carinho especial à Bel, Carol, Indi, Mari, Mô, Naná e Nice, que estiveram comigo no processo deste trabalho.

A minha querida orientadora, professora Valeska, que me ensinou a importância de acreditar nas pessoas. Agradeço pelas oportunidades que tive,

desde o convite em participar do GEPEIS, quando ainda estava no primeiro semestre do curso de Pedagogia, por todos os trabalhos e amizade compartilhada ao longo desses anos.

Aos professores Marcos Villela e Deisi Sangoi Antunes, por contribuírem com seus olhares, qualificando este trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM, seus professores e funcionários que me acolheram no Curso de Mestrado.

À CAPES, pelo apoio financeiro à esta pesquisa.

*“[...] o texto é autobiográfico, desde que entendamos por ‘auto’, aqui, não a individualidade de uma existência, a do autor, mas a singularidade do modo como atravessam seu corpo as forças de um determinado contexto histórico.”*

Suely Rolnik

## RESUMO

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal de Santa Maria

### **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E UMA EXTENSIONISTA: CARTOGRAFANDO UMA EXPERIÊNCIA**

AUTORA: MARÍLIA REGINA HARTMANN

ORIENTADORA: VALESKA MARIA FORTES DE OLIVEIRA

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 09 de novembro de 2012.

Esta dissertação de mestrado está inserida no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria, integrando a Linha de Pesquisa 1: Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional. A presente pesquisa buscou acompanhar o processo de um projeto de extensão, realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS) e seus movimentos posteriores, ao longo do ano de 2011, na cidade de Santa Maria, RS. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi construir uma cartografia, a partir das experiências vivenciadas no projeto *Universidade-Sociedade: uma ação coletiva pela formação de mulheres*, para identificar possíveis relações com a formação de professores. Consoante a isso, também foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: cartografar a ação extensionista vivenciada no projeto em questão e seus movimentos posteriores e, identificar relações entre o projeto de extensão desenvolvido e a formação de professores. Este projeto justifica-se pela necessidade de ampliar as pesquisas em relação às ações extensionistas, desenvolvidas pelas instituições de ensino superior, bem como olhar para as possibilidades de formação dos participantes nesses espaços. O referencial teórico abarca as seguintes temáticas: Formação, Extensão, Dispositivo e Cartografia. Como ferramenta metodológica, utilizou-se a cartografia, a qual direciona o acompanhar processos e trabalha na perspectiva da construção dos dados ao longo da pesquisa. A partir deste trabalho, foi possível identificar diferentes dispositivos que podem contribuir na formação de professores, por meio do espaço que é possibilitado pela extensão, apontando, assim, para a necessidade de valorizar a extensão como lugar de formação.

**Palavras-chave:** Formação. Extensão. Cartografia.

## **ABSTRACT**

Master's Dissertation  
Postgraduation Program in Education  
Universidade Federal de Santa Maria

### **TEACHER FORMATION AND AN EXTENSIONIST ACTION: MAPPING AN EXPERIENCE**

**AUTHOR: MARÍLIA REGINA HARTMANN**

**ADVISER: VALESKA MARIA FORTES DE OLIVEIRA**

**Defense Place and Date: Santa Maria, November 9<sup>th</sup>, 2012.**

This dissertation is inserted in the Postgraduate Program in Education, Federal University of Santa Maria, integrating Research Line 1: Education, Knowledge and Professional Development. This research sought to follow the process of an extension project, performed by the Group of Studies and Research in Social Education and Imaginary (GEPEIS) and their subsequent movements, throughout the year 2011, in Santa Maria town, RS. Accordingly, the objective of this study was to construct cartography, from the experiences about the project University-Society: a collective action by formation women, to identify possible relationships with teacher formation. Depending on this, were also established the following specific objectives: to map the extension action experienced in the relevant project and the later movements and identify relationships between the extension project developed and teacher formation. This project is justified by the need to expand the research in relation to the extension actions developed by higher education institutions, as well as looking at the possibilities of formation of participants in these areas. The theoretical framework includes the following themes: Education, Extension, Device and Cartography. As methodological tool, was used the cartography, which directs to follow the process and, working from the perspective of constructing data throughout the research. From this work, it was possible to identify different devices that can help in the teachers formation, from space that is made possible by extension, thus, pointing to the need to evaluate the extensions as a formation place.

**Keywords:** Formation. Extension. Cartography.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Símbolo da Associação CUICA.....	33
Figura 2 – Planejamentos das atividades realizadas pelas acadêmicas do curso de Pedagogia da UFSM.....	38
Figura 3 – Atividade inicial no primeiro encontro de formação .....	40
Figura 4 – O tema “Corpo” presente na formação.....	40
Figura 5 – Dinâmica de apresentação através de imagens.....	41
Figura 6 – Durante a dinâmica cada participante falou sobre si .....	41
Figura 7 – Acadêmicas do curso de Pedagogia da UFSM que participaram do projeto de extensão.....	42
Figura 8 – Mãe e filha participando da ação extensionista .....	42
Figura 9 – Atividade desenvolvida com crianças que acompanhavam suas mães no projeto .....	43
Figura 10 – Utilização da praça do bairro.....	43
Figura 11 – Conversa “Alimentação saudável”, coordenada pelo nutricionista .....	44
Figura 12 – Interação com mulheres participantes da conversa sobre Alimentação .....	44
Figura 13 – Filme “A vida secreta das abelhas” .....	46
Figura 14 – Grupo de mulheres assistindo ao filme .....	46
Figura 15 – Conversa “Saúde da Mulher”, coordenado por enfermeiras .....	47
Figura 16 – Encontro “Autoimagem”, coordenado por psicólogas .....	48
Figura 17 – Dinâmica realizada em grupo.....	48
Figura 18 – Demonstração dos resultados através das oficinas de Manicure .....	49
Figura 19 – Dinâmica de apresentação da pesquisa .....	55
Figura 20 – Imagem construída através da dinâmica.....	55
Figura 21 – Integrantes do GEPEIS participando da dinâmica.....	55
Figura 22 – Convite para a pesquisa (frente) .....	56
Figura 23 – Convite para a pesquisa (verso) .....	56
Figura 24 – Carta Convite primeiro encontro .....	58
Figura 25 – Filme “Cartas para Julieta” .....	66

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1 CARTOGRAFIA: FERRAMENTA METODOLÓGICA DA PESQUISA</b> <b>.....</b>	<b>17</b>
1.1 A opção pelo método da cartografia .....	17
1.2 A composição desta cartografia .....	21
<b>2 ENTRELAÇAMENTOS QUE FIZERAM CHEGAR A ESTA</b> <b>PESQUISA.....</b>	<b>23</b>
2.1 Um pouco de mim .....	24
<b>3 CARTOGRAFIA DE UM ENCONTRO .....</b>	<b>33</b>
<b>4 CARTOGRAFIA DE UM REENCONTRO .....</b>	<b>53</b>
4.1 Movimentos de composição desta cartografia.....	57
4.1.1 O primeiro encontro-dispositivo .....	59
4.1.2 O segundo encontro-dispositivo .....	66
4.1.3 O terceiro encontro-dispositivo .....	69
4.2 Sobre o reencontro .....	70
<b>5 INTERVALO.....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>76</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>80</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado está inserida no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria, integrando a Linha de Pesquisa 1: Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional. O objetivo deste estudo é cartografar as relações entre extensão universitária e formação de professores, a partir de um projeto de extensão, realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social – GEPEIS, ao longo do ano de 2011, na cidade de Santa Maria, RS. Busco, portanto, atentar aos movimentos produzidos por uma ação extensionista com mulheres, em que professores do GEPEIS trabalharam numa parceria com a Organização Não Governamental CUICA – Cultura, Inclusão, Cidadania em Artes.

A proposta deste trabalho é uma construção que perpassa a minha existência. As questões que procuro investigar e que escolhi para dissertar estão em mim: nas relações que vivo; para aonde direciono o olhar; em minha motivação e desejo de criação. Como diria Oliveira (2006, p. 55), “a escolha que fazemos por determinadas teorias fala de nós e, certamente, fomos escolhidas por estas”.

Parti da ideia de que a formação de professores é um processo contínuo, que ocorre ao longo de toda a vida, em que tanto a formação inicial quanto o curso de graduação e a formação continuada, cursos posteriores, são considerados mediadores que podem acionar a chamada *formação*. Gilles Ferry (2004) é um autor que ajuda a pensar esse conceito. Segundo ele, a formação é um desenvolvimento pessoal, em que o indivíduo se forma pelos seus meios, sendo, portanto, responsável pela mesma. O que dá condições para tanto é a mediação, que pode ser executada pelos próprios professores ou por intermédio de leituras, da relação com o outro, de um curso, filmes, músicas, entre tantas outras possibilidades. Portanto, para que esses mediadores provoquem a formação, o referido autor coloca três condições necessárias de trabalho sobre si mesmo: condições de lugar, de tempo e de relação com a realidade, o que implica um espaço de reflexão para tal.

Nesse sentido, consideram-se os projetos de extensão como possíveis dispositivos na formação de professores. No início do século XX, a extensão era vista como uma necessidade da universidade em difundir o conhecimento, baseada no caráter assistencialista, em ofertar algo que está fechado, acabado. Mas,

especialmente nas últimas décadas, o conceito de extensão tem sido discutido e ampliado, carregando em si uma forma não somente de levar conhecimentos, mas de construí-los com a comunidade, contribuindo para ações que promovam melhores condições de vida e bem-estar da população.

Olhar para o espaço grupal, nesse caso, o grupo envolvido com o projeto de extensão pesquisado, remete a trabalhar, também, com as produções nessa área. Para tanto, encontrei referências na Psicologia Grupal e optei por utilizar, entre outros autores, Regina Benevides de Barros (2009), pois faz a interlocução com os demais referenciais escolhidos para este trabalho, entre os quais Deleuze e Guattari e Castoriadis.

De acordo com esses autores, o grupo é visto para além de pessoas com objetivos em comum (PICHON-RIVIÉRE, 2009), mas atenta aos fluxos, aos modos de existencialização, ao devir-grupo, às forças instituintes. Buscar conhecer o que está instituído e os movimentos instituintes, a partir da vivência em um projeto extensionista, ajuda a pensar o processo formativo. Nesse aspecto, o Imaginário Social, segundo Cornelius Castoriadis (1982), auxilia a olhar para as significações imaginárias, para o simbólico presente nas relações grupais e para formação e a extensão.

Como ferramenta metodológica para esta pesquisa, utilizei a cartografia, proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), que busca mapear as intensidades, as multiplicidades e os movimentos que se deram e que foram possíveis de captar pela cartógrafa, a pesquisadora. A construção deste estudo aconteceu mediante os entrelaçamentos das falas, teorias, percepções e afetos que foram compondo o território desta pesquisa.

Dessa maneira, ao utilizar a cartografia como uma ferramenta metodológica, ficou comprovado que, para acompanhar um processo, não se pode usar de antemão a totalidade dos procedimentos metodológicos. Em contrapartida, partir de pistas<sup>1</sup> e estar disponível para criar intervenções, possibilita adentrar na produção da subjetividade que está presente na formação de professores. Consiste, assim, em

---

<sup>1</sup> A palavra pista, utilizada ao longo deste trabalho, faz referência ao livro *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, organizada por Passos, Kastrup e Escóssia (2010), em que os autores elencam algumas pistas que ajudam na construção de cartografias. As pistas propostas e utilizadas como referências para este trabalho serão exploradas posteriormente.

um método que não se aplica, mas se experimenta ou se realiza como uma pesquisa-intervenção (PASSOS; KASTRUK; ESCÓSSIA, 2010).

Esta abordagem da cartografia foi escolhida, pela necessidade de pensar processualmente uma ação grupal. Participaram do estudo acadêmicas dos cursos de Pedagogia, Mestrado e Doutorado em Educação, que fizeram parte de um projeto de extensão. Busquei, assim, conhecer os sentidos produzidos nos envolvidos, bem como mapear o território subjetivo da intensidade que atravessou esse encontro.

A partir do exposto, ficou evidente o seguinte problema de pesquisa: **Que relações podem ser identificadas, a partir de uma cartografia do projeto de extensão *Universidade-Sociedade: uma ação coletiva pela formação de mulheres e a formação de professores?*** Assim, em decorrência do problema levantado para este estudo, foi estabelecido, como objetivo geral, construir uma cartografia a partir das experiências vivenciadas no projeto *Universidade-Sociedade: uma ação coletiva pela formação de mulheres*, para identificar possíveis relações com a formação de professores. Consoante a isso, também foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: cartografar a ação extensionista vivenciada no projeto em questão e os movimentos posteriores; identificar relações entre o projeto de extensão desenvolvido e a formação de professores e tecer entrelaçamentos entre o processo grupal e as significações imaginárias presentes na experiência.

A relevância deste estudo está relacionada à própria extensão universitária, normalmente interpretada como uma ação isolada na comunidade, de caráter assistencialista e não como uma possibilidade de desenvolver pesquisa e contribuir com a formação de professores. A análise também se justifica pela pouca bibliografia disponível sobre o tema, constituindo-se, portanto, numa forma de mostrar que os investimentos na área da extensão são imprescindíveis para que a universidade estabeleça uma efetiva relação com a sociedade. Esse aspecto está relacionado com a possibilidade de se produzir conhecimentos científicos em contato direto com a realidade social, bem como a composição e exploração de novos territórios formativos.

Os resultados desta pesquisa podem contribuir com as diferentes formas de se tratar a questão de formação de professores, partindo da vivência em projetos de extensão. As informações sistematizadas poderão servir para gerar novos projetos e, para a consulta de pesquisadores e profissionais da área.

Logo, esta dissertação está estruturada na fusão entre textos, relato escritos e falados que compõe este exercício cartográfico. No Capítulo 1, “Cartografia: ferramenta metodológica da pesquisa” é apresentada a opção da cartografia como a ferramenta metodológica no desenvolvimento desta pesquisa. O Capítulo 2, “Entrelaçamentos que fizeram chegar a esta pesquisa”, aborda como se constituiu esta pesquisa, dando enfoque à história de vida da pesquisadora e seus entrelaçamentos com o tema pesquisado. O Capítulo 3, “Cartografia de um encontro”, traz a cartografia do projeto de extensão *Universidade-Sociedade: uma ação coletiva pela formação de mulheres*. O Capítulo 4, “Cartografia de um reencontro”, carrega ecos de movimentos e intervenções criadas a partir da vivência ao projeto de extensão citado anteriormente. E, para finalizar, o Capítulo 5, “Intervalo” traz relações e considerações sobre a pesquisa.

*Capitulo 1*



# 1 CARTOGRAFIA: FERRAMENTA METODOLÓGICA DA PESQUISA

Neste capítulo apresento o referencial utilizado como ferramenta metodológica desta pesquisa: a cartografia. Ao fazer ligas e construir passagens, objetivo, ao cartografar, a construção de um mapa subjetivo que contenha a invenção de estratégias para a constituição de novos territórios, outros espaços de vida e afeto (GUATTARI e ROLNIK, 2010).

Esse referencial fundamentou a estruturação da dissertação e permitiu uma aproximação entre a temática em enfoque e as percepções acerca do campo estudado. Para tanto, este capítulo está estruturado em duas partes. A primeira descreve a opção por este referencial e o conceito de cartografia, a partir dos referenciais adotados. Na segunda parte, abordo como se deu a construção deste trabalho, por meio de diferentes elementos tendo em vista a possibilidade de expressar a composição experimentada no processo.

## 1.1 A opção pelo método da cartografia

A opção por construir esta dissertação, partiu de uma experiência vivenciada por alguns integrantes do GEPEIS no projeto de *extensão Universidade-Sociedade: uma ação coletiva pela formação de mulheres*. Como integrante do grupo e pesquisadora, minha participação nesse projeto implicou no movimento de acompanhar o processo e de buscar possíveis relações entre as temáticas: formação de professores e extensão universitária.

Assim, iniciei a busca por uma metodologia que pudesse contribuir na ideia inicial de pesquisa. Mediante leituras de obras, em diferentes áreas do conhecimento – psicologia, filosofia, arte e educação – foram identificados trabalhos que enfocavam estudos acerca da cartografia, os quais inspiraram a composição do meu primeiro exercício cartográfico.

Ao longo do curso de mestrado, procurei aprofundar os estudos desse conceito, por intermédio da leitura de autores como: Deleuze e Guattari (1995); Guattari e Rolnik (2010); Rolnik (2011); Passos, Kastrup e Escóssia (2010). Essas

leituras contribuíram para a problematização e a constituição da presente pesquisa e favoreceram a compreensão do conceito de cartografia como ferramenta metodológica.

O conceito utilizado, na área da Geografia, aborda a cartografia como uma ciência que trata da produção, construção, utilização e estudo de mapas, o que implica a necessidade de técnicas e conhecimentos específicos. Representando graficamente um determinado território, tem como seu produto final o mapa.

Porém, ao utilizar a cartografia para a produção de conhecimento nas ciências humanas, amplia-se o conceito. Nesse sentido, ao optar pela cartografia como ferramenta metodológica, nesta dissertação de mestrado, procurei construir um mapa, composto de linhas, traços, delimitações, letras, cores e outros recursos, para representar um mapa não possível de ver a olho nu, mas que utiliza da percepção e do olho vibrátil (ROLNIK, 2011) para a sua construção.

Sem a pretensão de ser um método, mas de auxiliar na composição de novos territórios, Gilles Deleuze e Félix Guattari, filósofos franceses, trouxeram a cartografia para discussão e provocaram, posteriormente, o desbravar de outras navegações nesse campo. Segundo esses autores, a cartografia carrega a ideia de movimento, no qual “o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 22). Essas múltiplas possibilidades de ligar e construir passagens, sem um modelo estrutural, constituindo o modelo rizomático.

A obra “Micropolítica: cartografias do desejo” (2010), escrita por ocasião da passagem de Guattari pelo Brasil, juntamente com a psicanalista brasileira, Suely Rolnik, no ano de 1982, retrata o momento histórico que o Brasil vivia. As discussões que aconteciam no país, na época em que ocorria a campanha para as primeiras eleições diretas, depois de quase duas décadas da ditadura militar, evocavam novos campos territoriais em surgimento. Na perspectiva teórica desses autores, as paisagens psicossociais também são cartografáveis, a cartografia se constrói no desmanchamento de certos mundos que perdem sentidos e na formação de outros mundos que se criam para expressar afetos (GUATTARI; ROLNIK, 2010).

Diferentemente de outras metodologias de pesquisa utilizadas na área da educação, a cartografia propõe uma reversão metodológica. Em acordo com isso, a cartografia é experimentada como ação interdisciplinar e, a educação não foi pioneira em utilizá-la. Sua utilização não busca a aplicação de um método, mas,

propõe experienciá-lo, dando espaço à criação e à intervenção. Nesse caminho, conforme Passos; Kastrup e Escócia (2010, p. 10-11) o rigor está mais próximo dos movimentos da vida, em que “A precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção”.

O compromisso com a realidade e a implicação que é possível no espaço habitado, leva-me como pesquisadora e cartógrafa, a estar atenta aos movimentos que, aos poucos, compõem esse mapa. Para tanto, elenco algumas ideias que encontrei nos autores estudados, ideias que guiaram e inspiraram a forma de construção deste trabalho.

Passos; Kastrup; Escóssia (2010), organizadores do livro “Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade”, apresentam oito pistas que podem guiar o trabalho de pesquisa. A proposta de apresentar pistas faz referência a não antecipar ou predeterminar todos os procedimentos metodológicos tal qual seguir regras. Conforme os autores, as pistas estão interligadas umas às outras como um rizoma, constituindo um conjunto de linhas em conexão e de referências que são: Pista 1 – A cartografia como método de pesquisa-intervenção; Pista 2 – O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo; Pista 3 – Cartografar é acompanhar processos; Pista 4 – Movimentos-funções do dispositivo no método da cartografia; Pista 5 – O coletivo de forças como plano da experiência cartográfica; Pista 6 – Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador; Pista 7 – Cartografar é habitar um território existencial; Pista 8 – Por uma política de narratividade.

A partir das situações vivenciadas, primeiramente a realização de um projeto de extensão e, posteriormente, encontros que problematizaram tal experiência, o que moveu a composição desse território foi a direção da atenção, ou seja, a *atenção à espreita*. Em um dos encontros com Kastrup (2010), fui alertada sobre a necessidade de uma concentração sem focalização, ao detectar forças circulantes que, em princípio, parecem um material desconexo e fragmentado de cenas e discursos.

Na constituição do processo, essa atenção está relacionada ao que pode ser percebido e transformado em palavras, partindo de um amplo relato do que aconteceu no projeto de extensão, sem um foco maior para determinada situação, conforme retrata o Capítulo 3 deste trabalho, mas buscando trazer inúmeros elementos e acontecimentos.

Isso se fez possível, ao pousar a atenção no processo formativo e no que ele implica para os seus participantes, com base nas forças e potências que circulam e se movimentam na rede de formação, nas intensidades e afetos que pedem passagem no momento, fatores explorados no Capítulo 4 desta dissertação. Para tanto, foram utilizadas as quatro variedades da atenção do cartógrafo, definidas por Virgínia Kastrup (2010): o rasteio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento.

Segundo essa autora, *rastrear* é acompanhar mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo. Respeitar o movimento do alvo a ser perseguido produz no caminhar, em algum momento, que a atenção seja *tocada* por algo. Ao ser capturada a atenção, a indicação de um *pouso* fecha o campo numa espécie de zoom. É nesse instante, que o *reconhecimento atento* destaca os contornos singulares do lugar. No território observado, busquei cartografar as relações possíveis, entre a formação de professores e a extensão universitária.

Para realizar a cartografia, criei dispositivos próprios que produziram novos movimentos de explicitação, que geraram outros efeitos de produção-transformação. Dispositivos esses, acionados por discussões, relatos e imagens e outros movimentos de explicitação, passíveis de problematizar o vivido. Para tanto, utilizei os relatos dos encontros, anotações, filmagens realizadas e as lembranças de momentos posteriores ao vivido. Dessa maneira, a cartografia assumiu uma posição de investigar a habitação de um território e suas conexões, por meio dos agenciamentos estabelecidos com o exterior.

Por essa causa, este trabalho configura-se como uma pesquisa-intervenção. Além de pensar as temáticas desenvolvidas ao longo do projeto, a forma de se ver e de se narrar, saúde da mulher e alimentação saudável como dispositivos de formação para professores, assumo a proposta de construir dispositivos que podem ser acionados para intervir na formação do grupo que participou do projeto de extensão. A intenção é provocar o pensar sobre a nossa formação.

Para que isso aconteça, o meu papel como cartógrafa desse movimento não pode estar relacionado com a busca de algo em cima, céus de transcendência, tampouco embaixo, brumas da essência. O que há em cima, embaixo e, por todos os lados, são intensidades buscando expressão. E o que pretendo é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem (ROLNIK, 2011, p. 66).

Para a consecução deste trabalho, então, a ideia foi a de construir os dados da pesquisa, sem retirá-los de determinada situação, mas de criá-los em conjunto, ao longo de todo o processo que envolveu as participantes, integrantes do GEPEIS. Além disso, a intenção foi a de reconhecer e a de provocar nas intensidades que haviam circulado naquele espaço, outras questões a partir das intensidades que surgiam no momento posterior à experiência.

## **1.2 A composição desta cartografia**

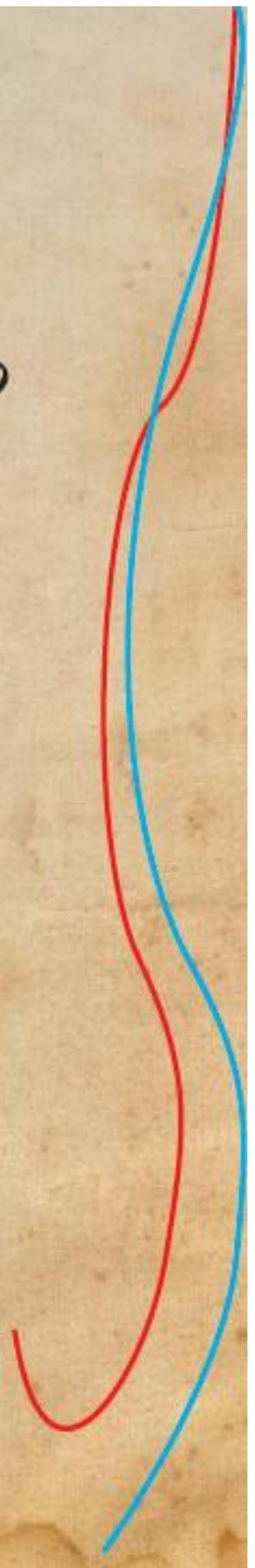
Falas, memórias, imagens. Sons, escritas, afetos. Encontros, sabores e cores. Dessa forma, foi sendo construído o território que ora é apresentado.

Os capítulos deste trabalho foram compostos na mescla das escritas da cartógrafa com as discussões entre pessoas que falaram sobre os assuntos abordados e, por meio dos relatos orais e escritos, identificados por diferentes cores referentes às pessoas participantes da pesquisa.

Este trabalho constitui-se em uma experimentação através da escrita, buscando construir um espaço de interlocução, a partir do que provocou em mim, quando escrevi, e do que provocará em você, quando entrar em contato. Assim, a escrita produzida neste espaço nunca estará encerrada, mas servirá de elos ou, ainda, de conexões que podem levar a novos mapas e territórios a serem cartografados.

Faz-se importante, ainda, registrar a aprovação desta pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM, sob o número 0277.0.243.000-11.

*Capitulo 2*



## 2 ENTRELAÇAMENTOS QUE FIZERAM CHEGAR A ESTA PESQUISA

Este capítulo busca contextualizar a pesquisa e sistematizar, por intermédio da história de vida da pesquisadora, como se deu a opção pela temática investigada e os entrecruzamentos que atravessaram este trabalho.

A solidão é inevitável para trabalhar, como nos fala Deleuze. Mas, é uma solidão povoada, repleta de encontros: “É do fundo dessa solidão que se pode fazer qualquer encontro. Encontram-se pessoas (e às vezes sem as conhecer nem jamais tê-las visto), mas também movimentos, ideias, acontecimentos, entidades” (DELEUZE, 1998, p.14). Assim, ao longo dos capítulos desta dissertação falo desses encontros com o outro, com teorias, com páginas em branco, com o tempo.

Escrevo no intuito de registrar o que me toca, dá sentido, mobiliza e afeta ou, ainda, escrevo sobre a minha experiência. Larrosa (2001) me ajuda nessa construção da experiência, já que nem tudo é experiência, e se faz necessário parar para pensar, para olhar, para escutar, suspender o automatismo da ação, falar sobre o que nos acontece, suspender o juízo, calar, dar-se tempo e espaço.

É nesse movimento, após cursar os créditos do curso de Mestrado em Educação (UFSM), ter qualificado o projeto e ter realizado a construção dos dados da pesquisa, que volto à escrita, no intuito de parar, olhar e dar tempo para transformar em palavras um espaço criado, em que é possível constituir experiências pela participação em um projeto de extensão. Esse *lócus* de atravessamentos levou ao foco desta dissertação, à percepção do que produziu nas pessoas que a vivenciaram: em mim, a autora, e nas outras sete colaboradoras.

Assim, esta pesquisa aconteceu em movimento, no acompanhamento de processos “que nos tocam, nos transformam e produzem mundos” ( KASTRUP; BARROS, 2010, p. 73). Para tanto, utilizei a cartografia como uma ferramenta metodológica, com a intenção de mapear o processo, em que não houve coleta, mas produção de dados. Dados esses, produzidos desde a organização do projeto de extensão, organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS), coordenado pela professora Valeska Fortes de Oliveira, que tiveram continuidade após a sua realização, em encontros de intervenção, dando atenção especial à processualidade que “se faz presente nos avanços e nas

paradas, em campo, em letras e linhas, na escrita, em nós. A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo estamos em processos, em obra” (ibid.).

Nos próximos capítulos você terá a oportunidade de ver como me movimentei dentro do conceito de cartografia, mas, antes, gostaria de contar a você como cheguei até este trabalho.

A temática de pesquisa que escolhi, na Linha de Formação Saberes e Desenvolvimento Profissional, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria, está diretamente relacionada a minha história de vida, as minhas escolhas, desafios e inquietações, provocadas por diferentes acontecimentos e que constituíram quem sou.

## **2.1 Um pouco de mim**

Por intermédio do relato da minha história, busco atentar aos movimentos e forças que foram recriados em cada situação, à potência de constituir-me a cada movimento, novas forças que atuaram e que potencializam diferentes direções e intensidades no decorrer da vida. Não é uma identidade que me caracteriza, mas são marcas que vão me constituindo, transformando-me, uma trajetória de uma linha de força viva (PEREIRA, 2010, p. 131).

Ora, nem sei se me apresentei direito a você! Meu nome é Marília Regina Hartmann. Nasci no dia 1º de junho de 1988, na cidade de Cândido Godói, RS. Minha mãe, Carla, professora dos anos iniciais e, meu pai, Alcides, comerciante, sempre se esforçaram para investir e incentivar os meus estudos e os de minha irmã, Andressa.

Apesar de crescer em uma cidade pequena, com pouco mais de seis mil habitantes, tive a oportunidade, ainda criança, de realizar diferentes atividades como cursos de inglês, informática, digitação, dança e futebol de salão. Minha infância foi bastante “movimentada”, com todas essas atividades e também com muitas brincadeiras com meus primos e amigos, quando criávamos lugares, brinquedos e investigações.

Início contando as memórias escolares, sobre a minha passagem na Escola Estadual Cristo Redentor, onde ingressei no Jardim de Infância. Tive de repetir a

pré-escola, pois não tinha idade de ir para a chamada “primeira série”. Aquela época foi marcada pela professora Neiva, calma e de voz suave, que me chamava de “Marília, olhos de jabuticaba”. Na série seguinte, a primeira, a lembrança que tenho é de minha tia Lígia, com um barrigão, caminhando entre as classes. Ela foi minha professora apenas durante meio ano, após saiu de licença. Na segunda série, minha mãe foi a professora, deixando claro, desde o primeiro dia de aula, que dentro da escola ela seria minha professora e não minha mãe. Isso me assustou no início, mas depois entendi que ela queria dizer que não era por ser sua filha que eu seria diferente em relação aos demais alunos.

Tenho poucas lembranças dos anos seguintes: o medo que sentia de alguns professores, como os professores eram vistos pelos alunos, os grupos que faria parte e, fortemente, dos esportes, pois gostava de participar. A maioria dos meus colegas de aula permaneceu da primeira à oitava série.

Ainda nessa escola, não posso deixar de mencionar que, desde a 7ª série, participei do Grêmio Estudantil. Lembro que meus pais não queriam que eu participasse, pois achavam que esse era um grupo que apenas organizava festas e, como ainda não era hora de eu sair para festas, não teria motivo. Mas, consegui convencê-los de que o mais importante era a oportunidade de representar os alunos em diferentes atividades como a organização dos jogos, chamados Interséries, bem como promover momentos de integração e de discussões coletivas, em que os alunos pudessem propor sugestões à equipe diretiva, para melhorar a convivência entre todos os envolvidos na escola.

No ensino médio, tive a oportunidade de estudar em uma escola particular, o Colégio Salesiano Dom Bosco, na cidade de Santa Rosa, 30km distante de onde eu morava. Escola, colegas e experiências novas. Essa fase foi bem marcante na minha vida, tanto pelas mudanças de rotina como pelas decisões posteriores referentes aos meus estudos. O primeiro ano foi o mais difícil. A adaptação ao ritmo da escola, aos novos hábitos de acordar cedo, pegar ônibus, aulas à tarde (quase todos os dias) e chegar a casa, geralmente à noite, foi um momento de superação, afinal, eu tinha passado a minha vida, até então, em uma cidade pequena, onde não fazia grandes esforços para chegar até a escola.

Já no segundo e no terceiro ano do Ensino Médio, intensificaram-se os estudos para o vestibular. Foi assim que, aos 17 anos, saí de casa para morar num pensionato em Santa Rosa. Frequentava o curso pré-vestibular à noite, enquanto

concluía o ensino médio. A saída da casa dos meus pais foi uma nova fase na minha vida, pois eu tinha um desejo muito grande de ser independente.

As pesquisas, discussões e escolhas pelo curso de graduação foram acontecendo nesse mesmo período. Apesar da influência de vários professores na família, tanto na educação básica como no ensino superior, acredito que a escolha pelo curso de Pedagogia ocorreu em função de que eu me sentia muito bem dentro da escola, em especial, no Ensino Médio, pois eu gostava muito do ambiente escolar, da coordenadora, da psicóloga, dos professores, da organização do espaço.

Minha aprovação no vestibular aconteceu pelo Programa de Ingresso ao Ensino Superior, PEIES, na Universidade Federal de Santa Maria. Junto com essa nova etapa da vida, veio também uma Marília cheia de energia, entusiasmada por “viver a universidade”, sentimento que perdurou durante os quatro anos do curso de graduação, pois tive inúmeras e diferentes oportunidades de me experimentar nessa fase.

Ainda no primeiro semestre, a convite da professora Valeska, ingressei no GEPEIS, grupo que me acolheu e que integro desde então. A primeira lembrança que tenho é da sala 3341A, do Centro de Educação, cheia de gente sentada em torno de uma mesa em formato oval. Naquele dia, eu ainda não fazia ideia da potência que tinha aquele grupo e no diferencial que ele representaria para a minha graduação e para a minha vida.

Mas, não foi somente o número de pessoas que me impressionou, elas falavam muito – ao mesmo tempo – e riam. Sim, tinha gargalhadas e piadas. Logo no início da reunião, cada integrante se apresentou, falou dos seus projetos, do que pesquisou, sobre suas atividades. Eu, àquela altura, sentia-me perdida, pois eram muitas ideias e experiências que eu ainda não conseguia relacionar, uma vez que estava iniciando os estudos na área da educação.

Entretanto, ao final daquele encontro, um tema tinha me chamado a atenção, era uma pesquisa realizada com os estudantes, referente à disciplina de Psicologia da Educação. Foi então que troquei algumas palavras com um dos integrantes, o professor Vantoir, e, receptivamente, fui convidada a conhecer o projeto e participar como voluntária. Esse foi o meu primeiro contato com a pesquisa científica.

Além disso, lembro que havia mais duas acadêmicas que já participavam. Cobia-nos aplicar os questionários nos cursos de licenciatura e realizar a tabulação com os professores que faziam parte do projeto. Também tínhamos um horário a

cumprir na sala, leituras sobre o tema e escrita de artigos. Ao final daquele ano, veio uma bolsa de iniciação, mas como éramos três, aconteceu um sorteio e eu não fui a contemplada. Mesmo assim, participei do projeto até o final. Foi nessa época que eu tive as primeiras experiências de apresentação de trabalho em eventos.

No ano seguinte, 2007, a professora Valeska iniciou um novo projeto, “O grupo como dispositivo de formação de professores”, o qual aprovou uma bolsa de iniciação científica financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio Grande do Sul – Fapergs, com duração de dois anos. Como eu era a única aluna da graduação que participava do GEPEIS sem bolsa, fui indicada. A pesquisa iniciou como pós-doutorado da nossa orientadora, o que a fez passar alguns meses estudando e pesquisando na Argentina. Para mim, esse período foi marcante no grupo, pois a sala que antes estava sempre cheia, de uma hora para outra, esvaziou. Lembro que as mestrandas, a Andrisa e a Rê, bem como o Vantoir e a Vânia, lideravam e buscavam trabalhar para continuarmos as atividades, mesmo sem a presença física da orientadora. Foi naquele ano que participei, pela primeira vez, da AnpedSul, um dos eventos mais importantes da área da Educação na região sul. Foi o início dos meus estudos sobre grupos.

Mais tarde, no ano de 2008, esse projeto foi se ampliando e recebeu o financiamento do Edital do Universal-CNPq. Na mesma época, surgiram outras bolsas de iniciação financiadas pelo CNPq e, então, o grupo de bolsistas começou a crescer. Naquele momento, eu me sentia uma bolsista bem solitária, pois me tornei a única no grupo. Foi então que chegaram no GEPEIS duas pessoas muito especiais, a Monique e a Ionice, com as quais criei forte parceria nas pesquisas e projetos do grupo, além de uma grande amizade. Ao lado delas e da Bruna, que chegou mais tarde, compartilhei muitas escritas, discussões, preparações para apresentar trabalhos, viagens, eventos, trabalhos em grupo, montagem e execução de projetos e tantas outras atividades que envolviam a condição de ser bolsista de iniciação científica.

Desse modo, o curso foi passando, e eu me envolvi cada vez mais com as questões trabalhadas no GEPEIS: pesquisas, projetos de extensão, eventos. Vou contar um pouco a você, sobre um dos projetos de extensão do grupo, que configurou uma parceria tão produtiva que já está no quinto ano de trabalho em conjunto.

Em 2008, fomos convidados a organizar um curso de formação continuada para os professores da Escola Estadual Marieta D'Ambrósio. Lembro que estava no quinto ano do curso de Pedagogia e já tinha a oportunidade de ajudar a pensar e realizar um projeto de formação continuada para professores da rede de ensino. As aprendizagens somadas a cada encontro de planejamento e nos encontros com os professores foram me mostrando outro ambiente de exercício da profissão, não somente em sala, com alunos, mas pensando em promover dispositivos de formação para professores.

No ano seguinte, a necessidade da escola era outra: trazer o Projeto Pedagógico para (re)construir. Para tanto, foi solicitado ao GEPEIS assessoria nessa tarefa. Novamente, estudamos e fomos construindo, juntamente com a equipe diretiva, o planejamento do trabalho: as discussões, as pesquisas, a coleta de dados com a comunidade escolar e a sistematização. Todo esse movimento aconteceu durante os anos de 2009 e 2010, culminando na reescrita final do documento.

Aquela altura, nós, GEPEIS, pensávamos ter encerrado o trabalho, mas a escola Marieta D'Ambrósio, por uma exigência de formação, buscava criar, novamente, um curso que contemplasse as suas necessidades, uma vez que os vários eventos na área não abordavam situações vivenciadas na escola. Então, começamos a pensar, em conjunto com a escola, quais eram as necessidades e que temáticas deveríamos abordar. Durante esse período, surgiu mais uma escola, a Escola Estadual Maria Rocha, geograficamente vizinha, pedindo para tomar parte no curso, pois estava ciente da repercussão da formação anterior em 2008.

Como o GEPEIS gostava de desafios, novamente nos reunimos para pensar a formação continuada de professores, para um grupo de mais de cem pessoas, concentradas em uma semana de evento. Como nos demais projetos em que participei envolvendo o grupo, aconteceram muitas reuniões, estudos, divisão de tarefas e tudo o mais que envolve a organização de um projeto como esse. É importante ressaltar que essas experiências coletivas envolvem o fato de realmente trabalhar em grupo, com as diferenças de cada integrante, e com a oportunidade de compartilhar as dificuldades e as alegrias de cada trabalho.

A minha relação com a Escola Estadual Marieta D'Ambrósio continuou além destes espaços de formação e assessoramento citados anteriormente. Desde o ano de 2009, no período em que realizei o estágio curricular do Curso de Pedagogia, realizo um trabalho de produção escrita e cultural juntamente com outras duas

professoras: Etiene e Maria Regina. Inicialmente, organizamos oficinas de poesias com alunos, que naquela época cursavam a terceira série do ensino fundamental. O resultado do projeto superou as expectativas e passou a tornar-se um projeto extraclasse para os alunos daquela mesma turma. Ao longo dos anos, foi trabalhado além da poesia, a construção de prosas, pintura em tela e desenho. Ao incentivar o conhecimento dos alunos através das diferentes formas de expressão, constitui-se também com o grupo uma parceria com os pais das crianças e com a comunidade escolar, que apoiaram o projeto e, contribuíram para o lançamento de três obras com os resultados do trabalho.

Em 2009, o GEPEIS retomou um projeto cultural, chamado “Cirandas do Imaginário”. Esse foi mais um projeto de extensão em que pude participar. Nele, buscávamos promover espaços de discussão que envolvessem toda a comunidade universitária e a sociedade em geral, abordando temas não vistos na universidade como: *você tem fome de quê?*, *rock’n’roll*, *gerações*, *imaginário*, entre outros. O nosso trabalho como promotores desses espaços compreendia: planejar, divulgar, organizar o ambiente, criar dispositivos para discutir. O projeto também contava com convidados diversificados: bandas, radialistas, pessoas que não circulam na universidade, colegas de outras universidades, artistas etc.

No ano de 2010, havia muitas queixas do próprio grupo em relação aos eventos em que estávamos participando, que na maioria das vezes, exigiam viagens longas para pouco tempo de apresentação ou somente exposição de banners. Na realidade, estávamos sentindo falta de um evento que oferecesse maior espaço para discutir sobre nossos trabalhos e para interagir com os outros. Por essa causa, buscamos instituir uma nova forma de evento, propiciando o encontro com o outro, o sensível, outras experiências que pudessem provocar novos sentidos.

Assim, surgiu o *I Encontro Ouvindo Coisas*: consolidando outras formas de estar juntos. Foram longas as discussões para criar um formato que abrigasse nossas necessidades, mas tivemos algumas ideias que ajudaram a fazer um evento diferente dos habituais. Criamos, então, um evento com poucas vagas, rodas de discussão, em que os integrantes das salas receberam os trabalhos com antecedência, palestras e conferências substituídas por provocações, pelas quais os convidados eram estimulados a envolver o público.

Para esse encontro, também procuramos trazer diferentes expressões artísticas, enfim, tentamos criar um clima que produzisse outras aprendizagens,

outras relações aos participantes. O evento teve uma grande aceitação do público presente, o que motivou o GEPEIS a realizar o *II Ouvindo coisas*, no ano de 2011, conservando a ideia inicial do projeto com algumas modificações.

Mas, além do GEPEIS, tive outra experiência muito marcante durante o período da graduação – integrar o Diretório Acadêmico do Centro de Educação (DACE). Participei de dois mandatos, primeiro como secretária e, depois como uma das coordenadoras gerais do diretório. Essa experiência possibilitou, para uma jovem universitária, aprender bastante sobre o funcionamento da universidade, suas questões legais e organizacionais. Esses foram momentos de discutir questões que envolviam a nossa profissão e o nosso espaço na universidade. Nessa época, atuei como representante dos alunos no Colegiado do Centro de Educação. O grupo que compomos para representar os alunos e reativar o DACE, pois estava sem representantes, foi mais uma experiência intensa em grupo.

Naquele primeiro ano, retomamos a organização da Semana Acadêmica do Centro de Educação, SACE, com a proposta de discutir a profissão docente. A partir disso, percebemos que essa era uma questão que poderia ser discutida entre os outros cursos de licenciatura. Foi assim que, no segundo ano de trabalho, tomamos a iniciativa de convidar os demais cursos de licenciatura da UFSM, para organizar a *I Semana Acadêmica Integrada das Licenciaturas*, SAIL, o que proporcionou aprofundar as questões referentes à educação, bem como compartilhar diferentes experiências entre os cursos.

Agora, você deve estar se perguntando o motivo de eu estar contando parte da minha história de vida, acertei? Como eu havia comentado no início, a ideia é que você consiga perceber de onde surgiu a minha pesquisa de mestrado. Bom, vou seguir então, não se apavore, já estou chegando lá!

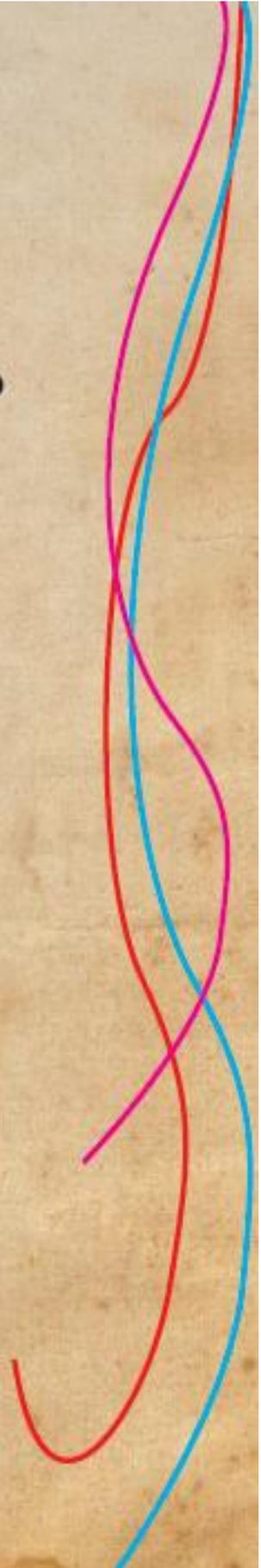
Em 2009, ao concluir o Curso de Pedagogia, partindo das vivências que tive ao longo de quatro anos, em especial, a experiência como bolsista de iniciação científica, resolvi concorrer a seleção do Curso de Mestrado do PPGE/UFSM, para dar continuidade aos estudos. Naquela época, ao escrever o anteprojeto, tinha certeza de que eu queria prosseguir pesquisando e participando de experiências em grupo. Aos poucos, durante o desenrolar das disciplinas, meu projeto foi se delineando. E, quando vi, lá estava eu, novamente envolvida com o GEPEIS, construindo a minha pesquisa em um projeto de extensão.

As experiências anteriores, em diferentes projetos de extensão e o meu envolvimento constante nos trabalhos em grupo, foi algo que tomou conta da minha vida e das minhas escolhas. É um gosto, uma simpatia, um sentimento de desafio em relação a esse trabalho e, acima disso, uma possibilidade de aprendizado nesses espaços.

Foi assim que recebemos o convite da Organização Não Governamental CUICA, Cultura, Inclusão, Cidadania e Artes, situada no Bairro Camobi, em Santa Maria, RS, para participarmos de um amplo projeto, que envolvia mulheres da região próxima à universidade, com o objetivo geral de contribuir para alternativas humanas e sociais de vida, dentro de uma nova parceria firmada pelo GEPEIS.

Eu sei que você deve estar curioso e se perguntando como o grupo poderia auxiliar no projeto. Mas, calma! Isso é assunto para nosso próximo capítulo, quando você saberá como se realizou esse projeto.

*Capitulo 3*



### 3 CARTOGRAFIA DE UM ENCONTRO

Este capítulo destina-se à narrativa de uma cartografia, elaborada a partir do projeto de extensão intitulado ***Universidade-Sociedade: uma ação coletiva pela formação de mulheres***. Neste capítulo irei compartilhar uma experiência que vivi com homens, mulheres, crianças, amigos e colegas de trabalho em meses passados. Descreverei a origem do projeto, ou seja, a concepção da temática, a estruturação dos encontros e o desenvolvimento das atividades grupais, propostas pelo GEPEIS, no período de janeiro a julho do ano de 2011, junto à ONG CUICA.

Tudo começou em Santa Maria no verão de 2011. Em janeiro, a maior parte do grupo ainda estava pela cidade, dando a impressão de que o ano anterior não havia encerrado. Talvez porque nossas atividades ainda estivessem a todo vapor. Foi, então, que o GEPEIS recebeu o convite da Associação CUICA – Cultura, Inclusão, Cidadania e Artes para conversar sobre algumas ideias.

Estávamos todos sentados em torno da mesa, aquela de que já falei anteriormente, na sala 3341A do Centro de Educação. O Zé Everton, representante da CUICA, estava radiante, contando a novidade. Mas, antes de prosseguir, vou contar o que afinal é a CUICA. Ah! Irei mostrando a você algumas fotos ao longo desta escrita, no desejo de que consiga visualizar outros aspectos além dos que descrevo.



Figura 1

A CUICA, Cultura, Inclusão, Cidadania e Artes, é uma organização não governamental que atua desde 2005, buscando promover a inclusão social, por meio do pensamento artístico. Ela é coordenada pelos músicos e professores José Everton Rozzini (Zé Everton) e Eduardo Pacheco (Edu Pacheco). Seus trabalhos iniciaram com a promoção de Oficinas de Percussão para alunos da rede pública de ensino. A partir dessas oficinas, o grupo foi se destacando e se apresentando em inúmeros eventos, dando visibilidade à instituição.

Com o apoio de diversos órgãos, de músicos e da comunidade em geral, a CUICA se constituiu como um centro de arte-educação, que a partir do pilar

principal, a música, foi se expandido para outras atividades como as relacionadas à leitura, por meio da Biblioteca Viva e, também com a comunidade local onde está inserida.

A sede da CUICA fica localizada na cidade de Santa Maria, RS, no Bairro Camobi, que além de ser o bairro onde está a UFSM, é circunvizinho das localidades de Vila Jardim, Vila Aparício de Moraes, Vila Progresso, Vila 8 de Julho, Ocupação Vila do Beijo, COHAB Fernando Ferrari e Vila Maringá, lugares caracterizados por questões de vulnerabilidade social: o desemprego, casos de dependência química, alcoolismo, tráfico de drogas, violência doméstica, gravidez precoce, prostituição infanto-juvenil e evasão escolar<sup>2</sup>.

Alimentando-se da necessidade de reunir pessoas interessadas em encontrar alternativas para questões referentes à cultura, inclusão social, educação e arte como um instrumento de desenvolvimento humano, a CUICA preocupou-se não somente com as crianças e jovens, mas com as suas famílias e a comunidade na qual estavam inseridas.

Nesse sentido, no ano de 2010, por intermédio da Caixa Econômica Federal, foram encaminhados e aprovados recursos financeiros para a realização do projeto “CUICA – Transformando Vidas”. O objetivo desse projeto era desenvolver ações para a inclusão social e geração de trabalho e renda, para mulheres em situação de risco de vida e de exclusão social. Além disso, realizar ações de promoção de saúde, empreendedorismo e educação para a qualidade de vida. Portanto, o público alvo eram mulheres que sobreviviam da coleta de material reciclável e/ou outros trabalhos informais, moradoras das regiões próximas à sede da ONG, mães, irmãs, parentes e demais mulheres que, direta ou indiretamente, tinham relação com os jovens e crianças pertencentes à CUICA.

Muitas dessas mulheres eram as principais responsáveis pelo sustento da família como nos casos em que maridos/companheiros cumpriam pena em instituições prisionais, entre outros fatores, que os impediam de contribuir para a manutenção da casa.

Em apoio a essas situações o projeto proporcionou ferramentas para que as mulheres da região tivessem a possibilidade de gerar trabalho e renda, criar oportunidades de trabalho, produzir conhecimentos para ofertar serviços e, além

---

<sup>2</sup> Dados retirados do projeto CUICA – Transformando Vidas, disponibilizado pelo CUICA.

disso, trabalhar com temáticas referentes ao ser mulher, visando à saúde e bem estar das famílias e estimulando a autoconfiança das participantes.

Para tanto, foram ofertadas 60 vagas, distribuídas em três oficinas técnicas: Costura e customização de roupas; Manicure/Pedicure; Joias com materiais reutilizáveis e reaproveitáveis. Concomitante à realização dessas oficinas, estavam previstas palestras e minicursos com temas relacionados à Saúde da Mulher, Planejamento Familiar, Higiene Pessoal, Alimentação Saudável e Economia Solidária.

Com os recursos disponíveis para colocar em ação o projeto CUICA-Transformando Vidas, a entidade buscou parceiros que pudessem trabalhar em conjunto para a sua efetivação. Além da Produtora Chili e do Consultor Técnico Carlos Alberto da Cunha Flores, foi firmada a parceria com a Universidade Federal de Santa Maria, por meio do GEPEIS. É aí que inicia o nosso trabalho como grupo de pesquisa no projeto. As oficinas técnicas seriam levadas adiante por oficinairos contratados, enquanto a outra etapa do projeto, de palestras e minicursos, em parte, era pensada e organizada pelo GEPEIS.

Naquele início de ano, depois de narrar um pouco da trajetória do CUICA e da criação do projeto “CUICA – Transformando Vidas”, o Zé Everton convidou o grupo para pensar junto esse espaço possibilitador de formação profissional e pessoal dos envolvidos. Foi a partir daquele momento que nós, integrantes do GEPEIS, começamos a discutir e pensar de que forma poderíamos contribuir no processo, partindo do que ele previa.

Apesar de o GEPEIS ser um grupo existente desde o ano de 1993, trabalhando com questões e temáticas em relação à formação, com integrantes de diferentes áreas do conhecimento, envolvendo projetos de pesquisa e extensão, em diferentes espaços, aquela foi a primeira vez que surgiu a oportunidade de trabalhar com um grupo distinto: mulheres. O foco não era mais a formação de professores, mas a formação de mulheres.

**“Seria um público bem específico e, curiosamente, de MULHERES, assim como nós.”** A formação de professores ficou em segundo plano, mas foi apenas no primeiro momento. Posteriormente, esta pesquisa de mestrado buscou olhar para a temática, partindo daquela experiência. De qualquer forma, víamos naquele trabalho uma possibilidade de ampliar a formação dos professores integrantes do GEPEIS.

O primeiro impacto frente ao convite nos causou certa ansiedade em conversar, em promover encontros para discutir, pois nos questionávamos: *O que é formação? Como podemos pensar a formação de mulheres? Qual o nosso papel diante disso?* Como você deve ter notado, àquela altura, o grupo já havia aceitado a proposta de participar do trabalho e, sem perder tempo, arregaçou as mangas com muito entusiasmo e sentimento de desafio. Aos poucos, as ideias de como ser um provocador da melhoria da qualidade de vida e da geração de renda para as famílias que estariam ligadas ao projeto, por meio das mulheres participantes, começaram a ser traçadas.

A partir disso, o GEPEIS pensou a maneira de colaborar para a formação dessas mulheres. Então, o primeiro passo foi pensar a formação de maneira ampla, que proporcionasse um momento para que as mulheres construíssem aprendizagens, mas que não fosse garantia de tal.

A segunda questão levantada foi a de que a formação deveria levar em conta não somente o aspecto técnico do exercício da função, mas a possibilidade de um espaço para questionar a vida, a sociedade em que vivemos e as relações que construímos.

A partir desses pontos, chegamos à conclusão de que o GEPEIS poderia contribuir no trabalho com mulheres em situação de vulnerabilidade social, por intermédio de provocações que levassem em conta o espaço grupal em que conviveriam ao longo das oficinas e que, além de aprender técnicas para exercer um ofício, elas poderiam ter tempo e espaço de problematizar a vida.

Juntamente com essas discussões, surgiu a necessidade de transformar o trabalho que seria desenvolvido em um projeto de extensão, a fim de organizar a ação, obter recursos (conquistados pela aprovação do edital FIEX/UFSM que financiou uma bolsa de extensão para uma aluna de graduação e também materiais de consumo).

Como você deve saber, criar um projeto envolve muitos elementos que constituem a escrita que o norteia. ***“O projeto foi construído a várias mãos, provando que é possível produzirmos uma escrita coletiva, quando temos sintonia teórica e afetos e disposições que podem ser compartilhados.”*** Foi assim que, durante vários encontros, os integrantes do GEPEIS que estavam disponíveis, de janeiro a março do ano de 2011, juntamente com a orientadora, professora Valeska, foram construindo a ação extensionista.

Entre um almoço e um lanche, reuníamos-nos no Parque Itaimbé, na Universidade ou no Apartamento 306 (onde a colega de grupo, Monique, e eu moramos) para compartilharmos, além dos sabores, aqueles momentos de construção coletiva do projeto de extensão. No início, não sabíamos muito bem por onde começar. Como eu havia relatado anteriormente, o GEPEIS foi convidado a participar de um projeto maior, coordenado pela ONG CUICA, que previa o empreendedorismo e a geração de renda para mulheres moradoras de comunidades próximas ao Bairro Camobi. Esse projeto estava organizado a partir de três oficinas de técnicas de Pedicure/Manicure; Customização e Confecção de Joias; palestras e minicursos que abordassem os temas de Saúde da Mulher, Empreendedorismo, Qualidade de vida, entre outros.

A partir disso, o grupo que estava se reunindo para a escrita da ação extensionista buscou referenciais que abarcassem os temas citados, com a finalidade de discutir os conceitos que permeariam a ação, sendo alguns deles, temas que eram de pouco conhecimento do grupo até então.

Para que isso fosse possível, primeiramente, retornamos ao conceito de extensão, pelos documentos legais. Por intermédio do Plano Nacional de Extensão Universitária e da Política de Extensão da UFSM, foi possível construir uma proposta orientada pelos documentos legais, bem como delimitar nosso trabalho frente à comunidade em que iríamos nos inserir. Esse Plano ressalta que não é função da universidade substituir funções de responsabilidade do Estado, mas produzir saberes e torná-los acessíveis à população, não necessariamente por meio dos cursos regulares, mas de outras atividades.

Sair do ambiente da universidade para ter contato com a sociedade é uma das possibilidades que a extensão proporciona aos acadêmicos e professores. A parceria firmada entre o GEPEIS e a CUICA criou a necessidade de um espaço em que as diferentes áreas de conhecimento dos integrantes do grupo pudessem contribuir para a realização do projeto, uma vez que, naquele momento, eram exigências temas como saúde, alimentação e relações interpessoais para as provocações que seriam realizadas com o público envolvido.

Dessa maneira, o projeto de extensão buscou na interdisciplinaridade o aporte para transitar entre os diferentes saberes, proporcionando o diálogo entre eles, desde a construção do projeto, até o acompanhamento dos encontros realizados com o grupo de mulheres.

Pensar no ser mulher fez com que os integrantes do GEPEIS, participantes do projeto de extensão, pudessem refletir sobre as mulheres como agentes das transformações sociais, protagonistas de histórias em construção no cotidiano de suas famílias e no meio social em que vivem. Essa reflexão levou a uma busca por fortalecer a valorização da imagem feminina em seus lares e na comunidade, o que, muitas vezes, vai contra a produção cultural de imagens que circulam, produzindo uma identificação que nega as diferenças culturais entre as mulheres.

Outro tema abordado pelo projeto faz referência aos princípios de sustentabilidade e empreendedorismo, que contribuem com a comunidade em questão.

Aliada aos conceitos de sustentabilidade e empreendedorismo, a Tecnologia Social é um conceito utilizado atualmente, retratando o fazer humano desde os primórdios das civilizações. Conforme esclarece o professor João Rodolpho Amaral Flôres, pró-reitor de extensão da UFSM, em entrevista concedida à Revista CCNExt (2011), as tecnologias sociais nada mais são que a busca de soluções às demandas imediatas de sustentabilidade e sobrevivência cotidiana. O projeto em questão que prevê por meio de um conjunto de ações buscar soluções para a geração de renda, constitui-se, portanto, numa tecnologia social.

Em conformidade a esse conceito, o trabalho realizado pelo GEPEIS, CUICA, Chili (Produtora Cultural que administrou os recursos do projeto financiado pela Caixa Econômica Federal), ministrantes de oficinas e demais envolvidos para a sua realização, caracterizou-se pelo planejamento conjunto, divisão de tarefas e avaliação constante. Isso resultou no seu bom andamento e na receptividade das atividades propostas.

Um dos encontros de planejamento aconteceu na sala do GEPEIS, com o responsável técnico, demais integrantes e acadêmicas do Curso de Pedagogia da UFSM, também participantes do projeto.



**Figura 2**

É importante ressaltar que, para desenvolver a ação extensionista, o GEPEIS mantinha encontros periódicos, em que era possível conversar e organizar as ações a partir do que era percebido e do que já havia sido trabalhado, compartilhando as impressões de cada integrante, as dificuldades

encontradas e os desafios do trabalho. Desse modo, apesar de existirem temas previstos no projeto de extensão, ficávamos atentos para a possibilidade de surgirem outras temáticas que fossem de interesse das mulheres participantes.

A partir das discussões sobre esses temas, necessários para compreender e dar suporte às temáticas do projeto de extensão, do macroprojeto – CUICA Transformando Vidas – nasceu o projeto de extensão proposto pelo GEPEIS: “Universidade-Sociedade: uma ação coletiva pela formação de mulheres”. O mesmo constitui-se pelo objetivo geral: realizar uma ação extensionista formativa para o grupo promotor e para mulheres em situação de vulnerabilidade social, do bairro Camobi e arredores, visando ao desenvolvimento social, cultural e humano, pela parceria com a organização não governamental CUICA.

Mais especificamente pretendíamos, pela inserção do GEPEIS, contribuir para o desenvolvimento social e econômico sustentável da comunidade envolvida; estabelecer uma relação bidirecional entre universidade-sociedade; promover o conhecimento técnico, aliando-o ao desenvolvimento humano, por meio do trabalho interdisciplinar; propor discussões de temas interculturais, saúde, alimentação e bem estar, contribuindo para a qualidade de vida das participantes; trabalhar o espaço grupal e proporcionar uma educação formativa para as mulheres que residem em torno da Universidade.

Intencionando produzir esses conhecimentos, nas mais variadas áreas, por intermédio dos saberes de ambas partes, GEPEIS e grupo de mulheres, e das histórias de vida e experiências de cada pessoa, pensamos uma formação ampla nesse espaço. Essa formação de que falamos e que vivenciamos, implicou não somente em conhecimentos teóricos, mas em considerar inúmeras formas de expressão: do corpo, imagens, filmes, músicas e, principalmente, do trabalho coletivo.

Por isso, é importante, antes de descrever as atividades desenvolvidas, contar um pouco sobre o público alvo da ação, as pessoas que encontramos e com as quais construímos um vínculo nos quatro meses de efetivação do projeto.

Participaram em torno de 60 mulheres, que foram divididas em três grupos, de acordo com cada oficina técnica. Dois desses grupos, Pedicure/Manicure e Customização, reuniam-se nas manhãs de sábado. Já o grupo de Confecção de Joias, nas quartas à tarde. Todos os encontros foram realizados na sede da CUICA, em Camobi. Conforme relatado anteriormente, todas as mulheres participantes do

projeto eram moradoras de regiões próximas à UFSM, tendo a baixa renda como fator em comum. Assim, por meio do projeto “CUICA - Transformando Vidas”, tiveram a oportunidade de aprender um ofício para aumentar a renda familiar e, ainda, trocar conhecimentos que contribuíssem para a qualidade de suas vidas.

Algumas atividades propostas pelo GEPEIS foram realizadas separadas por grupos, de acordo com a oficina. Outras integrantes foram convidadas a formar um único grupo. As ações do projeto de extensão, por intermédio dos encontros formativos, iniciaram em março de 2011 e encerraram em julho do mesmo ano. Elas aconteceram concomitantemente ao andamento das demais atividades do projeto, com o propósito de aliar uma formação cultural e humanizadora à formação técnica das oficinas.



**Figura 3**

As atividades específicas a cargo do GEPEIS aconteceram em alguns encontros (exceto o trabalho com as crianças, filhas das mulheres participantes, que irei relatar logo mais) em que acompanhamos, semanalmente, os grupos de mulheres, para manter o contato e criar uma relação de confiança, amizade e de partilha do processo.

Vale ressaltar que, nós, do GEPEIS, buscávamos sempre nos integrar às mulheres, não somente como organizadores das atividades, mas também como participantes.



**Figura 4**

No dia previsto para iniciar as oficinas e demais trabalhos do projeto junto ao público alvo, propusemos a primeira atividade com enfoque no corpo que nos sustenta. Começamos quebrando barreiras, chamando a atenção para a falta de atenção que temos com nosso próprio corpo, com suas partes, seus sentidos e o que ele mobiliza para nos movimentar. Uma vez que, dar atenção ao

corpo é dar atenção para o que nos faz pessoas, seres humanos que têm o corpo marcado pela própria história de vida, que utilizam o corpo para o trabalho, para o prazer ou que se deixam explorar por ele. Essa atividade foi pensada por uma

educadora física e por uma professora de teatro, que utilizaram jogos e música para pôr o corpo em movimento.

Em seguida, houve a interação e socialização do grupo de mulheres, dos integrantes do GEPEIS que participaram do projeto e das ministrantes das oficinas, conhecendo um pouco do outro com o qual iria compartilhar os próximos meses. Em conformidade com esse propósito, aliado ao de criar um ambiente que instigasse a permanência nas atividades e a integração entre os participantes, o GEPEIS propôs que cada pessoa se apresentasse, montando um painel com imagens de revistas disponíveis.

Essa atividade provocou um momento em que cada pessoa pôde se questionar: “Como me vejo?”, “Quem sou?”, “Como me apresento neste momento?”, “Que figuras utilizo para me representar?”. Para algumas mulheres, ficou visível a dificuldade em se apresentar, em encontrar figuras e relacionar com a sua vida. O que escolher para contar, de certa forma, tornou-se uma tarefa difícil. Outras, porém, expressaram-se com facilidade, estabelecendo relações em curto espaço de tempo.



Figura 5

Eu mesma, que escrevo a você, tive a oportunidade de realizar a atividade em duas das oficinas e encontrei dificuldades nas duas vezes que a realizei. Percebi, também, que me apresentei diferente em cada grupo: na primeira vez, falei muito da minha profissão, na segunda, dei mais atenção para questões pessoais.

Contudo, pude atestar que os objetivos da atividade foram cumpridos, pois dar espaço para que cada um do grupo contasse um pouco sobre si, fez com que as pessoas se aproximassem, percebessem interesses em comum e diferenças. Essa atividade, também foi uma oportunidade para algumas mulheres da comunidade que se conheciam apenas por circular em lugares comuns, estabelecer contato, criando novos vínculos.



Figura 6

A fala de uma das integrantes do GEPEIS, que coordenou um dos três grupos em que a dinâmica foi realizada, mostrou o outro nesse processo: **“A representação**

*através da imagem, a (re) construção imaginária no cuidado de si a cada escolha cautelosa e detalhista de como se contar, mesmo na decisão de não mostrar tudo, foram pontuais na reinvenção de si, para si mesmo e para o outro. O outro é parte fundamental desse recorte, desse enquadre que diz de quem somos e de quem já fomos e de quem queremos/podemos ser. É um espaço que pode nos permitir/autorizar a experimentar, não sem consequências, é claro, pois sempre fica um resto, um rastro que nos joga no confronto com tudo aquilo que ainda não é. Talvez uma fenda para uma experiência ético-estética na ou em formação.”.*

Assim, foi possível conhecer um pouco de cada uma das tantas mulheres que estavam iniciando uma série de encontros para construir novas aprendizagens.

Desde o início, o GEPEIS buscou trabalhar, também com os demais integrantes da equipe do projeto “CUICA – Transformando Vidas”, oficinairos e organizadores, mantendo uma comunicação e avaliação permanente do trabalho no intuito de alcançar os objetivos previstos.



**Figura 7**

Foi em uma dessas conversas, após a atividade inicial, que tivemos um retorno positivo do projeto e também percebemos a necessidade de pensar nos filhos pequenos das mulheres, pois, para que elas pudessem participar dos encontros, uma das condições era ter cuidadores para suas crianças.

Essa situação ficou evidente no primeiro encontro, pois as crianças vieram com as mães.

Os integrantes do GEPEIS, então, acabaram se dividindo para poder auxiliar no cuidado com as crianças, enquanto as mães participavam das atividades.



**Figura 8**

Esse fato imprevisto nos mobilizou a buscar uma solução. O GEPEIS, como grupo vinculado ao Centro de Educação, diretamente relacionado ao Curso de Pedagogia, convocou acadêmicas que tivessem interesse e disponibilidade em firmar uma parceria, que consistia em criar intervenções pedagógicas no

ambiente em que eram realizados os encontros do projeto.

Entendíamos que a inserção das graduandas nesse lugar, poderia ser uma forma de experiência relacionada ao curso, porque demandava planejamento de atividades e uma rotina a cada encontro. Logo, brincadeiras, histórias, filmes, música e tantas outras atividades marcaram esse espaço, cuidado com muita responsabilidade pelas acadêmicas.



**Figura 9**

Foram dez as acadêmicas que se revezaram, a cada semana, dispostas a participar da ação extensionista. É importante frisar que, o objetivo não era o de cumprir com as obrigações da escola, mas de criar um ambiente de cuidado e possibilitador de aprendizagens para as crianças e de experimentação para as futuras pedagogas.

Conforme relatos realizados semanalmente pelas acadêmicas, foi possível notar, por exemplo, o planejamento como conteúdo trabalhado no curso e constantemente presente na atuação docente, sendo experienciado pelas pedagogas em formação: *“Apesar de termos encontrado algumas dificuldades no que diz respeito ao planejamento proposto, encontramos formas de realizá-lo com sucesso. E essa foi mais uma experiência”*.



**Figura 10**

Esse trabalho, realizado pelas acadêmicas do Curso de Pedagogia, aconteceu somente aos sábados, abrangendo dois dos três grupos de mulheres. Ao grupo das tardes de quarta não foi possível contemplar, pois acontecia concomitante às aulas das graduandas.

Outra temática que estava no planejamento do projeto, desenvolvida pelo GEPEIS, foi proporcionar um espaço de discussão sobre a “Alimentação Saudável”, que aconteceu no mês de abril e contou com o integrante do GEPEIS, Claiton Espindola, nutricionista e mestre em Educação.



Figura 11

Foi criado um espaço acolhedor, em semicírculo, onde as pessoas ficaram a vontade para falar e questionar. Dessa maneira, aconteceu uma conversa em que o nutricionista questionou os participantes sobre os seus hábitos alimentares e, a partir das respostas, mostrou que outras maneiras poderiam contribuir para uma vida mais saudável, explicando como a alimentação

poderia auxiliar na prevenção de várias doenças.

Ao final desse bate-papo, foi criada, com a ajuda das próprias participantes, uma possibilidade de cardápio, respeitando os alimentos a que o grupo de mulheres tem acesso. Nesse dia, foi possível perceber a intensa participação das integrantes ao longo do encontro, o que pode ser explicado pela temática ou pela forma de trabalho que levou em conta o contexto dos sujeitos, dando sugestões de acordo com a realidade.



Figura 12

Naquela altura, as mulheres participantes do projeto davam seus primeiros passos a partir das técnicas que aprendiam, colocando em prática os cuidados com as unhas ou criando apliques para roupas e acessórios. O GEPEIS sentiu a necessidade de pensar uma nova provocação que envolvesse os temas de formação do projeto. Pensamos que poderia

ser essa a hora de trazer para a discussão o *ser mulher na sociedade*, a fim de conhecer os imaginários que circulam naquele grupo envolvido na ação extensionista. Mas de que forma poderíamos provocar essa discussão? De imediato surgiu a ideia de um filme, pois poderia ser também uma oportunidade, para muitas, de ter um tempo dedicado para realizar tal ação. Essa ideia inicial fez com que o GEPEIS se mobilizasse a procurar por filmes que buscassem retratar questões que seriam importantes de levantar naquele espaço.

Foi então que nos reunimos para assistir a primeira sugestão de filme: “As mulheres de Dagenham”. A história trata de uma revolução acontecida na empresa

automobilística Ford, na Inglaterra, no final da década de 1960, retratando a luta feminista a favor da igualdade dos salários e melhores condições de trabalho. O enredo traz as diferenças entre homens e mulheres trabalhadores de uma mesma fábrica, sendo as mulheres consideradas desqualificadas e, portanto, recebendo meia parte do salário em relação aos funcionários do sexo masculino. Em desacordo com as condições do local de trabalho e à diferença salarial, as funcionárias resolvem reivindicar aos patrões, sem obter resultados. Assim, iniciam uma greve que prejudica toda a fábrica, pois os carros estavam sendo montados e faltavam os bancos, costurados pelas mulheres. O sindicato liderado por homens não apoia a iniciativa, pois concordavam que o homem deveria receber mais que a mulher. A partir dessa luta, uma revolução se instalou, originando um movimento de valorização do trabalho feminino.

Conforme aponta pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2009, as mulheres recebiam em torno de 72,3% do que os homens, em relação à média anual de rendimentos. Isso mostra a disparidade entre o salário de homens e mulheres. Nesse sentido, o filme contribui para a discussão sobre essa desigualdade e nos provoca a pensar na importância das lutas e da construção do papel da mulher na sociedade, por meio das conquistas de espaços de trabalho.

O grupo de integrantes do GEPEIS, responsável pela organização do próximo encontro, gostou muito do filme, pois retratou uma parte da história de conquistas das mulheres, mostrando a força e a coragem de lutar por uma vida melhor. Porém, no início do projeto, tivemos contato com algumas informações gerais daquele público alvo, tomando conhecimento de que havia mulheres analfabetas. Isso foi uma dificuldade, uma vez que a versão do filme que tínhamos era legendada, o que impediria algumas mulheres de conhecer a história. Procuramos outras versões, mas não encontramos. A saída foi buscar outro filme.

Assim, novamente, reunimo-nos para assistir a segunda opção: “Domésticas”. As personagens principais desse filme, como o próprio nome diz, são empregadas domésticas. Ele retrata essa classe de trabalhadoras, a partir de cinco mulheres, revelando seus sonhos, a forma de encarar o trabalho, a família, os amores e seus afazeres. Logo de início, o grupo do GEPEIS achou que ele tratava de maneira pejorativa essas mulheres e, inclusive, poderia ser encarado como uma ofensa levá-lo para ser assistido no projeto, composto por mulheres carentes, podendo reforçar

algumas questões como “ser burra”. E esse, com certeza, não era o nosso objetivo. A ideia principal era mostrar que é possível aprender, crescer profissionalmente e construir outras formas de renda.

Foi então, que o grupo optou por assistir ao terceiro filme: “A vida secreta das abelhas”. Esse filme narra a história de uma menina branca, de 14 anos, que não tinha boas relações com seu pai e sua mãe havia falecido. A vontade de saber sobre sua mãe e o pai não contribuir para tal, fez com que ela fosse atrás da única informação que tinha. Então, junto com sua única amiga a babá, uma mulher negra, ela foi para uma cidadezinha onde sua mãe havia morado algum tempo. Lá encontrou uma família de mulheres, a mesma que já havia acolhido sua mãe, e um lar de amor, alegria e cooperação. Essa família vivia da apicultura, do trabalho artesanal e com técnicas de elaboração própria. A história se passa na Carolina do Sul, no ano de 1964, e retrata as relações familiares, a geração de renda, o trabalho conjunto e, o que mais chamou atenção, transmite sentimentos de esperança e fé para a vida, para o trabalho, e para a família.

Comparado aos demais filmes, a “Vida Secreta das Abelhas” pareceu um filme mais de acordo com a proposta do projeto, pois retratava a geração de renda, de certa forma, o cooperativismo no trabalho. Portanto, acreditamos que esse filme culminava com os objetivos para aquele momento, porque se relacionava com o que estava sendo trabalhado nas três oficinas de técnicas de trabalho e, também com a vida daquelas mulheres.



Figura 13



Figura 14

Nesse movimento de escolha do filme, percebemos que a opção por um, em detrimento de outros, evidencia as representações sobre mulheres que o GEPEIS carrega, o que o grupo gostaria que fosse provocado e vivenciado naquele momento.

O filme “A vida secreta das abelhas”,

escolhido pela maioria do grupo, passou, então, a ser utilizado como um dispositivo provocador de questões como o empreendedorismo, estrutura familiar, relações interpessoais, a mulher em cada contexto, as lutas de minorias, entre outras implicações que pudessem vir à tona. Partindo da interatividade com o filme, conhecemos algumas histórias de mulheres do grupo que nos levaram a pensar, também, em nossas próprias histórias.

Mas, também foi provocada, naquele encontro, a emoção. Em geral, foi o próprio grupo do GEPEIS que se emocionou muito no dia. **“Notei que o filme “mexeu” bastante com o imaginário das mulheres e com o meu também por estar envolvida com a emoção de algumas ao assistir e porque esse filme em especial me toca bastante.”** Penso que, além de o filme instigar a relação entre o enredo e nossas histórias de vida e lembranças, fato que por si provoca inúmeras emoções, naquele momento, houve, também, todo um processo de envolvimento com a escolha, com a preocupação de agradar ao público, de imaginar o que poderia ser provocado nas pessoas a partir dele e, ainda, pela escolha retratar relações maternas que seriam assistidas na véspera do “Dia das mães”. Sentimos que foi muito trabalhoso e exaustivo a opção por um dos filmes, resultando em vários encontros para assistir, discutir, ponderar, escolher, causando um grande envolvimento das pessoas do GEPEIS nesse processo.

A receptividade do grupo de mulheres para com o filme foi muito grande, percebida pelas risadas, comentários e emoções provocadas. Após assistir, algumas queriam muito falar. Era perceptível que ecoava, dentro de cada uma, alguma provocação. Em encontros posteriores, ouvimos relatos de que algumas mulheres haviam comentado sobre o filme para outras pessoas, indicando-o para assistir. Outras pediram cópias do filme e, durante a semana, pudemos perceber pelo que ouvimos que o filme não saía da memória. Isso nos fez acreditar que, além de provocar as temáticas do projeto, aquele também foi um espaço de cuidado para elas, um espaço problematizador das suas próprias vidas.

Na sequência do trabalho do GEPEIS, em parceria com a CUICA, trabalhamos o tema *Saúde da Mulher*. Foram convidadas



Figura 15

duas acadêmicas do Curso de Mestrado em Enfermagem, da UFSM, para auxiliar nesse momento da ação extensionista. Novamente, foi criado um ambiente informal, onde todas as participantes ficassem a vontade para questionar e contribuir com suas experiências.

Nesse encontro, trabalhamos as seguintes temáticas: métodos contraceptivos, autoexame de mama e doenças sexualmente transmissíveis. De início, todas estavam um pouco apreensivas, mas, aos poucos, o encontro foi se tornando um papo de mulher para mulher, problematizando a saúde do corpo e trazendo dúvidas e vivências em relação ao que se estava discutindo.

Já era mês de julho, quando as oficinas técnicas estavam sendo concluídas e o trabalho do GEPEIS - de provocar outros dispositivos de formação - também. Foi, então, que aconteceu o último encontro planejado pelo GEPEIS, que teve a participação do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), parceiro nessa ação de extensão. Esse momento tinha dois



**Figura 16**

objetivos: trabalhar com uma oficina de “Autoimagem”, ministrada pelas psicólogas e professoras da UNIFRA, Vânia Fortes de Oliveira e Camila Gonçalves e avaliar o trabalho desenvolvido. Como é característico do GEPEIS, o trabalho iniciou em um grande círculo, buscando que cada um pudesse ser visto pelo outro, procurando excluir a relação de que alguém é superior a outrem, permitindo que os diferentes saberes circulassem.

Aquela manhã fria, aquecida pelo chimarrão, iniciou com a atividade desenvolvida pelas psicólogas. Estavam reunidas todas as participantes das três oficinas do projeto. A primeira atividade consistia na formação de duplas para que cada colega se apresentasse à outra. Naquela altura, depois de quase quatro meses do início do projeto, elas já tinham construído uma relação de grupo, pois foram



**Figura 17**

várias horas compartilhando aprendizagens, experiências e histórias, o que



**Figura 18**

contribuiu na realização dessa atividade. Em seguida, elas tiveram outra tarefa em grupos, em que deveriam escolher um objeto que representasse aquela formação.

O resultado dessa atividade foi também uma forma de avaliar o trabalho realizado entre a CUICA, o GEPEIS e os demais parceiros envolvidos no projeto “CUICA – Transformando Vidas”. Pelas escolhas dos grupos - as unhas, as

bolsas customizadas, o esmalte ou as flores confeccionadas com tecido, o resultado do trabalho ia aparecendo e as implicações dele para cada participante. Os relatos mostravam a importância daquele espaço de encontro, das relações construídas e dos planos futuros:

*“Eu escolhi essa bolsa (em relação à dinâmica de escolher um objeto que representasse o projeto) por ela ser grande. Nessa bolsa eu tô levando toda a amizade pra minha casa. A flor representa um jardim. E esse jardim traz o quê? Alegria pra gente. (...) A minha bolsa grande é as minhas amizade, as amiga, que eu tô levando pra dentro da minha casa.” (Relato de uma das participantes da Oficina de Customização).*

*“Nós pegamos um esmalte. E o que ele representava era só pra pintar unha quando tinha tempo, só quando tinha tempo. Mas hoje, participando do grupo a gente vê que ele não significa só o pintar a unha. E pra nós ele significa o quê? Um estímulo, uma cor, um colorido, enfeitar as pessoas, uma renda a mais pra nós. (...) Sem contar a amizade do grupo, que tudo que a gente aprendeu, tem mais é que trocar ideia então” (Relato de uma das participantes da Oficina de Pedicure/Manicure)*

*“Eu, vindo pra cá, peguei o primeiro botãozinho que eu fiz aqui, ele é tão pequenininho, mas pra mim significa muito: tudo vocês aqui dentro, cabe todos vocês aqui. Depois ele abriu essa flor aqui, a alegria de todos vocês aqui, pra nós se alegrar junto.” (Relato de uma das participantes da Oficina de Customização).*

*“O primeiro dia do curso, foi um chororô né (em relação a primeira dinâmica realizada, de apresentar-se aos demais por meio de imagens). E agora tá todo mundo sorrindo, sorrindo, sorrindo. Então olha um detalhe, né. Depois de tudo que aconteceu, agora eu me dei conta disso. E me emociona muito, sabe?” (Relato de uma das participantes da Oficina de Customização).*

Naquele dia, ao ouvir as falas dessas mulheres que aceitaram o desafio de se reunir para construir novas aprendizagens, lembro-me da nossa alegria como integrantes do GEPEIS, de termos feito parte do processo, contribuindo com o nosso trabalho. Esses relatos, em relação ao projeto “CUICA – Transformando Vidas”, mostram que parte dos objetivos foram alcançados, uma vez que conseguimos organizar um espaço de troca e compartilhamento, de construção conjunta, que resultou em relações de amizade, de planos em conjunto, de busca pela melhoria da renda, tudo isso, contribuindo para a qualidade de vida das participantes.

Importante destacar uma iniciativa das integrantes do grupo de Customização: a criação da marca “Gurias do CUICA”, e a sua participação em espaços para comercializar as criações.

Nessa última atividade proposta ao grupo de mulheres, também foi possível visualizar a importância do envolvimento nas oportunidades que surgem e o quanto esse movimento necessita de uma vontade interior de mudar e aprender, de estar disposto para tal. Foi o que aquelas mulheres representaram: a busca por melhores condições de viver seja em relação à renda ou nas relações de amizade e parceria. Destaca-se, nesse sentido, que esse é um processo que perpassa a vida, o autoconhecimento, a descoberta, o aprender, o compartilhar, processos pelos quais nos constituímos e nos formamos ao longo da vida.

Depois desse, houve ainda um último encontro que uniu todos os envolvidos: organizadores, mulheres, financiadores e comunidade. Foi o encerramento do projeto, com a entrega dos certificados às mulheres participantes das oficinas de Customização, Pedicure/Manicure e Confecção de Joias e das demais atividades realizadas. Nesse momento, também ocorreu um desfile com as criações das oficinas. Mais uma vez, podia-se perceber no semblante, na autoestima, na alegria daquelas mulheres, o sentido daquele projeto, daqueles encontros semanais, daquela oportunidade que operou transformações e resultados, ainda no seu

transcurso e que, possivelmente, em longo prazo, também gerará frutos para a comunidade envolvida.

Acredito, portanto, que foi cumprida uma das funções da universidade. O GEPEIS assumiu esse compromisso de construir uma relação entre a universidade e a sociedade, buscando levar conhecimentos e construir novos, com a comunidade envolvida, retornando com inúmeras aprendizagens que são possíveis de realização no trabalho com a realidade, qualificando tanto o próprio grupo como o público envolvido.

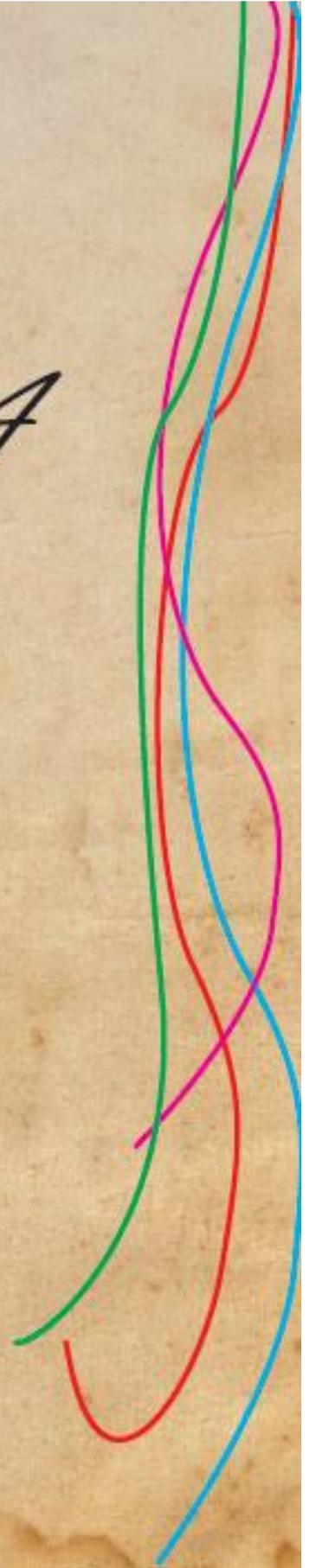
O trabalho do GEPEIS frente à proposta do macroprojeto constituiu-se, portanto, na criação de dispositivos que pudessem contribuir para a formação das mulheres envolvidas. Buscando provocar questões da cultura, de ser mulher, de saúde, de trabalho em grupo, de alimentação e de problematizar a vida, utilizando-se das noções de empreendedorismo, geração de renda e qualidade de vida, permeando todas as atividades propostas.

Ao propor essa ação extensionista, era sabido que não teríamos o controle sobre as direções de tantas histórias, fundidas às questões sociais abrigadas na realidade daquela comunidade. Mas, buscamos compreender e valorizar a grande interlocução possível dentro do espaço construído.

Com a escrita desenvolvida até aqui, procurei elementos para que você pudesse conhecer um pouco dessa experiência que vivenciamos (GEPEIS) ao participar do projeto “CUICA – Transformando Vidas”, por intermédio do projeto de extensão “Universidade-Sociedade: uma ação coletiva pela formação de mulheres”. As impressões relatadas foram sentidas por mim, pelo meu envolvimento e participação no trabalho. Certamente, se elas fossem escritas por outras pessoas, teriam outros olhares.

Percebendo esses projetos como lugares de trocas de conhecimentos e aprendizagens compartilhadas tanto para o público de mulheres quanto para os integrantes do GEPEIS, olharei, a partir deste momento, para a formação dos professores integrantes do GEPEIS que participaram do processo. Cartografar esse movimento de formação, desde a ação extensionista, será o assunto do próximo capítulo.

*Capitulo 4*



## 4 CARTOGRAFIA DE UM REENCONTRO

Este capítulo constitui a construção de uma cartografia, a partir de um reencontro com integrantes do GEPEIS, professoras em formação, que participaram do projeto de extensão: ***Universidade-Sociedade: uma ação coletiva pela formação de mulheres***. Esta construção de dados perpassa a vivência no projeto e amplia-se em encontros-dispositivos posteriores.

Ao longo do curso de mestrado, muitos acontecimentos me atravessaram, fazendo com que eu repensasse minha profissão e me ausentasse de espaços, buscasse sentido na vida e nas relações vividas. E, agora, ao retomar a escrita, volto a sentir as vibrações do meu corpo, passo a me dar conta e sentir que tenho um corpo vibrátil (como sinto ele vibrar quando danço) que permite o fluxo, os afetos e as sensações.

Esse corpo vibrátil, que foi conceituado por Suely Rolnik (2011), permite-nos olhar para as forças vivas que nos habitam e desabitam, a dar atenção em como somos provocados pelos encontros e como eles nos afetam. Mas essa é apenas uma, das duas formas que nosso corpo encontra, por intermédio dos órgãos dos sentidos, para captar o mundo. A segunda forma de que falo, diz respeito à percepção, ao que nos permite apreender o mundo e então projetar as representações que temos para dar sentido.

Buscando enfocar o olho vibrátil, convido você a olhar comigo o que outras pessoas também falaram sobre a experiência no projeto de extensão desenvolvido pelo GEPEIS, “Universidade-Sociedade: uma ação coletiva pela formação de mulheres”. Você está lembrado desse projeto? No capítulo anterior contei para você que, nós, integrantes do GEPEIS, tivemos a oportunidade de participar de um projeto de extensão, em parceria com a ONG CUICA, no intuito de contribuir por meio de dispositivos que pudessem provocar a formação de mulheres das comunidades do entorno da UFSM. Mas, nós, integrantes do grupo, professores em constante formação, será que também nos formamos a partir desse trabalho? É o que procurarei abordar neste capítulo.

Após acompanhar todo o processo de realização do projeto, o qual narrei no contato anterior, passei a investigar quais as possíveis relações entre um projeto de extensão e a formação de professores. Para tanto, encerrada a ação extensionista,

propus reunir os integrantes do GEPEIS que dela participaram e que tivessem interesse e disponibilidade em participar desta dissertação de mestrado.

O convite aos professores participantes foi realizado no dia 10 de junho de 2011, em uma das reuniões semanais do GEPEIS, em que apresentei meu projeto de dissertação. Falar sobre este projeto, em especial, apresentar uma proposta de pesquisa diferente para a maioria dos participantes, a cartografia, levou-me a criar um movimento-imagem e, então, conversar sobre.

Para que você consiga entender como foi essa conversa sobre o projeto, explicarei o que eu havia entendido acerca da cartografia até aquele momento. Geralmente, ao estudar conceitos, vou criando imagens para representá-los. Não se tratam de imagens fixas, mas que fazem parte do meu pensamento, em uma tentativa de entrar “no” e me afetar “com”. É assim que começo a criar a imagem de cartografia. Seria um mapa com linhas que se cruzam, que delimitam espaços, que se unem, que se separam e que representam determinado lugar? Quem sabe. Mas não poderia ser um mapa pronto e acabado. Em que lugar estaria o espaço para as intensidades e para o movimento dessas linhas? Que outras linhas poderiam ser inventadas? É possível enxergarmos todas as linhas que compõem esse território?

Essas questões levaram-me a lembrar de um novelo de lã, não qualquer novelo. É um novelo do estilo que minha mãe usava para criar mantas, para minha irmã e para mim quando éramos crianças. Ele era colorido, uma cor levava a outra, sem a possibilidade de saber em que cor começava nem em qual terminava. Essas cores representam, para mim, a multiplicidade que está nas linhas que compõem uma cartografia, multiplicidade essa, entendida como as singularidades, devires, espaços-tempos, territórios. (DELEUZE e GUATTARI, 1995).

Mais um questionamento me rondava: como se constrói uma cartografia? Pozzana e Kastrup (2010) já haviam me alertado que é no movimento, no processo, que vai se construindo uma cartografia. E assim, comecei a visualizar que são os próprios participantes os seus sujeitos construtores, a partir das ações, *affectos*, *perceptos*. Assim, foi provocado que o grupo utilizasse o novelo de lã para compor um território, por meio de movimentos, criando uma imagem, constituindo um movimento inventivo de construir um mapa.



Figura 19



Figura 20



Figura 21

Naquela manhã fria, acompanhada pelo chimarrão, em uma roda de pessoas, fomos dando forma a uma imagem. Do mesmo modo que damos forma a territórios, quando elencamos uma temática, criamos um projeto e as ações para desenvolvê-lo, estávamos em conjunto, criando um novo território. O desenho que estava sendo

formado representava um processo de construção, o trabalho coletivo e uma forma de iniciar as discussões acerca do que a minha pesquisa de mestrado pretendia: construir uma cartografia, a partir da implicação em um projeto de extensão.

O sentido dessa dinâmica era o de possibilitar a construção de conhecimentos e a invenção de outras formas de expressar e se mover pelos conceitos. Além de ser um momento de apresentar aos colegas de grupo o trabalho que eu estava iniciando, de ser questionada e ganhar sugestões, foi um dispositivo criado para convidar os integrantes do GEPEIS, que haviam participado do projeto de extensão, a tomarem parte na minha pesquisa.

Essa forma de relação com o grupo, também intencionava construir um cuidado com os professores que participariam da

pesquisa, visando a aproximá-los dela. Para finalizar a dinâmica daquele dia, foram distribuídos envelopes sem endereçamento e solicitado, aos de alguma forma implicados com o projeto de extensão, “Universidade-Sociedade: uma ação coletiva pela formação de mulheres”, que permanecessem com o seu. Essa foi a maneira encontrada para convidar formalmente os professores que teriam interesse em

contribuir com a pesquisa. Assim, ficou estabelecido o primeiro critério de seleção dos participantes da pesquisa: ter participado do projeto de extensão citado acima.

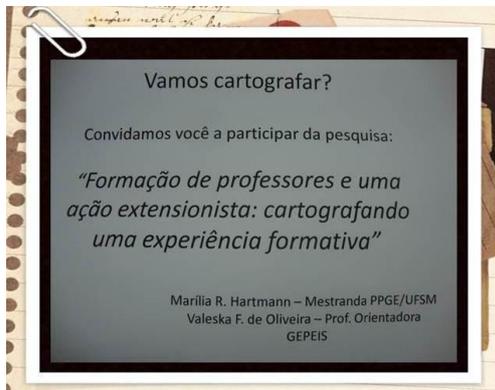


Figura 22



Figura 23

Como você pode ver, dentro do envelope havia uma folha, que continha na frente um breve texto de convite e, atrás, o papel em branco e um pedaço da linha que foi utilizada na dinâmica de apresentação. Portanto, como a proposta da pesquisa era a de construir uma cartografia, o convite chamava os integrantes do GEPEIS que vivenciaram o projeto para contribuir na construção. Dos integrantes do GEPEIS que estavam presentes no dia da apresentação de meu projeto de pesquisa, doze perceberam-se no projeto e pegaram o envelope.

Ainda nessa manhã, algo inesperado aconteceu, após o movimento com as linhas e a entrega dos convites: a pequena Dandara, filha de seis anos de uma das integrantes do

GEPEIS, questionou-me: *“Dá pra brincar com pesquisa?”* Fiquei espantada. Mas, por quê? Não é justamente o que busco ao me permitir adentrar caminhos diversos, enfrentar o novo e estar disposta ao inesperado? Respondi, então: *“Sim, Dandara, podemos brincar com a pesquisa”*. Assim, começamos a passar por entre as linhas, por cima, por baixo, pelos lados, pulando, saltando, abaixando e rastejando pelos fios coloridos interligados.

Ao falar em brincadeira, pensei no sentido que carrega o ato de brincar, da criação que ele permite, nas relações a enfrentar, no prazer do brincar e inventar mundos. Esse é o conceito de pesquisa que trago: assim como são criadas regras para as brincadeiras, também optamos por conceitos que nos auxiliam a jogar essa brincadeira – a pesquisa.

Nesse sentido, a cartografia é uma das “regras” que auxilia a brincadeira de criar um mapa de movimentos que compõe determinado território. Daí a invenção presente na pesquisa, assim como afirma Brum (2010, p. 20): a cartografia como “modo de pesquisa que possa unir alegrias, conhecimentos e *afectos* deve ser

sempre considerada como um instrumento a ser inventado, não copiado, mas criado e incentivado a todo o momento”.

Ampliando a construção desse mapa cartográfico, propus encontros-dispositivos, entre os integrantes do GEPEIS que participaram da pesquisa. A intenção era a de acionar dispositivos que mapeassem intensidades, a partir do que e como implicou em cada pessoa a participação nesse projeto de extensão. Embasada no conceito de dispositivo, encontrado em autores que dele se utilizam, inicialmente, em Michel Foucault, pensei os encontros-dispositivos. O dispositivo passa a ser entendido como qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si, um movimento em que o sujeito está implicado. Implica consigo, implicando-se a partir dos outros e implicando com os outros (OLIVEIRA et al., 2010, p. 141).

O dispositivo é um conjunto multilinear, composto por diferentes linhas que seguem direções diferentes, que estão em desequilíbrio, que ora se aproximam ora se afastam (DELEUZE, 1996, p. 1). Nos três encontros realizados, havia pensado previamente, apenas o primeiro dispositivo, as fotografias. Nos dois encontros seguintes, o filme “Cartas para Julieta” e a escrita de uma carta, foram dispositivos pensados a partir das intensidades apontadas durante os encontros, movimentos que abordarei no decorrer das próximas páginas.

#### **4.1 Movimentos de composição desta cartografia**

Peter Pál Pelbart (2011), em seu texto “Elementos para uma cartografia da grupalidade”, constrói, a partir de Deleuze, Kafka e Espinosa uma definição para o conceito de indivíduo. Segundo Pelbart (ibid), cada indivíduo poderia ser definido por um grau de potência singular e, por conseguinte, por um certo poder de afetar e de ser afetado.

A capacidade de afetar ou de ser afetado é o que constitui a singularidade de cada um. Mas, não saberemos o quanto podemos afetar ou ser afetados enquanto não nos experimentarmos. A experimentação que acontece a partir de encontros, mobiliza o grau de nossa potência.

As ideias de Espinosa, devoradas por Deleuze, Guattari, Rolnik e Pelbart, ajudam-nos a construir o conceito de encontro. Há dois tipos de paixões que existem no encontro dos corpos e nos encontros das ideias: paixões alegres e paixões tristes. A primeira constitui um encontro que aumenta a potência de agir do indivíduo. Já a paixão triste, implica na diminuição da potência de agir, diminuindo assim a força de existir. Assim, conclui-se que “existir é, portanto, variar em nossa potência de agir, entre esses dois pólos, essas subidas e descidas, elevações e quedas” (ibid.). Ou, ainda, é a partir desse grau de potência que ora aumenta ora diminui que nos afetamos e afetamos as pessoas.

Em um grupo ou individualmente, essas duas paixões acontecem, o que implica na constituição de um “corpo” múltiplo com suas relações específicas de velocidade e lentidão. Por isso, Pelbart nos convoca a “pensar um corpo grupal como essa variação contínua entre seus elementos heterogêneos, como afetação recíproca entre potências singulares, numa certa composição de velocidade e lentidão.(...) um plano de proliferação, de povoamento e de contágio.” (PELBART, 2011, p.2)

Ao voltar meu olhar para o projeto de extensão “Universidade-Sociedade: uma ação coletiva pela formação de mulheres”, em específico para os integrantes do GEPEIS, responsáveis por parte das ações extensionistas, procuro elementos que configuraram o movimento de se afetar.

Era outubro de 2011. As atividades do projeto de extensão haviam sido encerradas. Naquele momento, senti que era hora de construir um espaço que pudesse explorar a experiência vivenciada, dando atenção às intensidades e compondo uma cartografia. Iniciou-se, então, o primeiro movimento.

Você lembra que há pouco contei que o primeiro critério para selecionar os participantes era ter participado do projeto? A partir disso, surgiu o segundo critério: ter interesse e disponibilidade de tempo para participar desta pesquisa. Para isso, retomei o contato com os integrantes do GEPEIS, enviando uma carta para aqueles implicados no projeto.

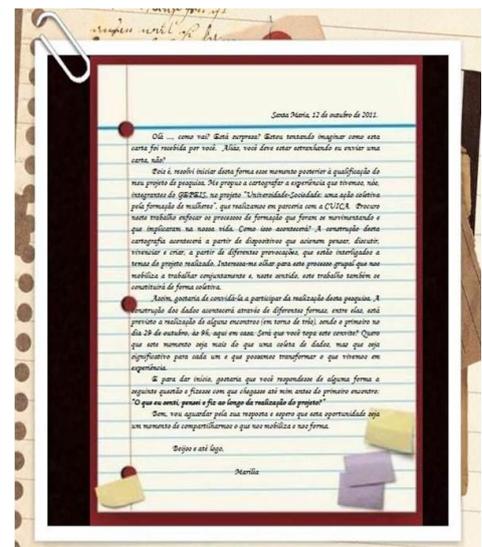


Figura 24

Enviada pelo correio e, posteriormente, via e-mail, para confirmar o recebimento, a carta convidou quem havia participado do projeto de extensão “Universidade-Sociedade: uma ação coletiva pela formação de mulheres” a colaborar na construção desta cartografia, a partir da presença em alguns encontros e da escrita. No mesmo contato, solicitei que cada um escrevesse, partindo da seguinte questão: “O que eu senti, pensei e fiz ao longo da realização do projeto?”.

Obtive retorno de sete dos doze integrantes do GEPEIS que haviam participado do projeto. Todas as participantes, mulheres do grupo, que se dispuseram a contribuir com esta pesquisa, são de diferentes idades, sendo uma acadêmica do Curso de Doutorado em Educação, duas acadêmicas do Mestrado em Educação, duas Bolsistas de Iniciação Científica que cursam Pedagogia, uma Pedagoga integrante do GEPEIS e uma bolsista, acadêmica do curso de Desenho Industrial. O que uniu este grupo de sete mulheres foi o desejo de estar ali.

A busca por territórios de formação, cursos, projetos de extensão, projetos de pesquisa, experiência em grupo de estudos e pesquisas, mostra que há uma implicação em relação à formação de quem deles participa. O desejo por aprender, contribuir, construir e vivenciar são algumas características que podem ser percebidas nessas sete mulheres.

A resposta à pergunta feita no convite chegou antes do primeiro encontro previsto e, de diferentes formas: e-mail, carta, escrita livre, montagem com fotos. Trazia lembranças do projeto, expectativas, o que provocou estar naquele lugar, tempo e espaço vivido, além da surpresa em receber uma carta.

As linhas desta cartografia, posterior à experiência no projeto de extensão, foram aparecendo a partir das falas, memórias e imagens de quem compartilhou e se envolveu com o trabalho, e novas intensidades foram sendo traçadas a partir de novos encontros. A seguir, escreverei para você, sobre os dispositivos que foram construídos a partir dos movimentos que direcionaram esse momento da pesquisa.

#### 4.1.1 O primeiro encontro-dispositivo

A intenção do primeiro encontro, reunindo pessoas que partilharam experiências, afetos, conhecimentos e aprendizagens, foi a de mapear as

implicações presentes. Utilizei como dispositivo para isso, memórias do projeto, por intermédio de uma montagem visual, com fotografias e sons. Começaram a aparecer na tela fotos de momentos do projeto de extensão, ao som de músicas tocadas por crianças e jovens, integrantes da ONG CUICA. Suspiros, risos, saudades, comentários, lembranças. Por intermédio dessas expressões, a intensidade do momento, já ia dando pistas da influência dessa experiência na formação das participantes. Findo esse momento inicial, começamos a conversar sobre a experiência e a respeito das escritas que as participantes haviam retornado sobre o projeto.

O convite que a CUICA fez ao GEPEIS, para firmar parceria na realização de um projeto, com mulheres de comunidades carentes de Santa Maria, marcou a construção coletiva de um projeto de extensão.

***“O projeto foi construído a várias mãos, provando que é possível produzirmos uma escrita coletiva quando temos sintonia teórica e afetos e disposições que podem ser compartilhadas”.***

Algumas já tinham experiências distintas com a extensão no ambiente da universidade e no ambiente escolar, mas, para outras, foi a primeira oportunidade de acompanhar um projeto, da construção ao encerramento.

***“A gente escolhe o projeto que vai desenvolver dentro do grupo? Ou a gente é escolhido pelo projeto? Nem todo projeto nos mobiliza nas férias”.***

O que havia naquela ideia inicial que mobilizasse pessoas para investir suas energias durante o período de férias? As falas sinalizavam.

***“Seria um público bem específico e, curiosamente, MULHERES, assim como nós”.***

***“O que mais me convocou a participar desse projeto foi a questão de ser um trabalho voltado para o “social”, com o objetivo que essas mulheres pudessem elaborar melhor seus projetos de vida, com novos saberes que poderiam dinamizar sua carreira profissional, tornando-as trabalhadoras com visão de empreendedorismo, percebendo-as como cidadãs que podem contribuir com suas ações individuais e coletivas para o desenvolvimento do trabalho da mulher e de seu potencial de valorização, olhando para si mesmas como mulheres que têm potencial criador”.***

Pelas citações referentes ao empreendedorismo, à carreira profissional e aos projetos de vida, ficou aparente a forma com que discutimos a extensão no grupo e

no atual contexto em que vivemos. Documentos legais como o Plano Nacional de Extensão e a Política de Extensão da UFSM, apontam, claramente, que as ações de extensão são voltadas à resolução de problemáticas da realidade, mostrando-nos como essas políticas estão organizadas na relação entre a universidade e a sociedade.

Calderón (2007) e Benvenuti (2006) ajudam a olhar para a questão histórica da extensão universitária. Por volta de 1918, na cidade de Córdoba, Argentina, jovens estudantes organizaram um manifesto, reivindicando a abertura e a sensibilidade da universidade para os problemas sociais do povo latino-americano. No Brasil, o governo federal, na década de 1930, a partir da criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, começa a impulsionar a extensão universitária para fortalecer a relação universidade/comunidade, o que foi registrado no primeiro Estatuto das Universidades Brasileiras. De acordo com o documento (BRASIL, 1931), ao prever a organização didática das universidades, no artigo 35, alínea f, fica evidente a relação da universidade com a comunidade, por meio da extensão e de “cursos de extensão universitária, destinados a prolongar, em benefício *collectivo*, a *actividade técnica e científica dos institutos universitarios*.”

No ano de 1977, Paulo Freire traz para discussão o termo *extensionista*, provocando-nos a pensar, conforme o título da obra prevê, se o que tem sido feito é “Extensão ou Comunicação”. Para o autor, a palavra extensão indica a ação de estender algo a, o que dá a ideia de transmissão, entrega, doação, mecanismo, invasão cultural, manipulação. Dessa maneira, estaria sendo negado o homem como ser transformador e crítico, e, portanto, a extensão não seria uma ação educativa. Na concepção freireana, a palavra “comunicação” abarca a relação que não é de transferência de saber, mas de um encontro entre sujeitos interlocutores.

Segundo Freire (2010, p. 25), “Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nela.” Apesar de o autor defender que a palavra comunicação seria melhor empregada ao pensar em uma proposta libertadora de educação, a expressão “extensão” permaneceu sendo utilizada.

Percebemos, assim, que as políticas orientadoras da extensão universitária afirmam o seu caráter como “via de mão dupla”, em que a academia, no encontro com a comunidade, tem a oportunidade de elaboração de conhecimentos. Logo,

penso que o autor contribuiu para a reflexão e ampliação do conceito e do sentido que hoje damos ao trabalho de extensão.

*“Foram sábados muito intensos, que mesmo no cansaço da correria da semana, me sentia muito feliz em estar lá. Poder contribuir e ao mesmo tempo “trocar”, sim, pois muitas vezes, era eu que aprendia e muito com todas. E o mais interessante é perceber que muitas dúvidas, angústias, gostos, satisfações, são iguais, independentemente de classe social, cor, religião, pois a meu ver, somos HUMANAS, com todos os requisitos que compõem o SER.”*

*“Esse projeto me mostrou o quanto podemos aprender no contato com outras pessoas, no caso, as mulheres participantes que muito me ensinaram, me mostrando que vivemos em um mundo cheio de possibilidades e que apesar de todas as dificuldades e situações desagradáveis por que passamos sempre haverá um momento em que sorrisos e alegrias valerão mais que todas as dificuldades que passamos.”*

Pensando nesse espaço de troca e construção de novos conhecimentos, convido você para juntos olharmos outro lado desse território: os investimentos para a realização da extensão. Os incentivos às ações extensionistas contabilizam uma parcela pequena dos investimentos, se comparados ao compromisso que as universidades assumem ao realizar o ensino, a pesquisa e a extensão. Isso pode ser visto na comparação entre oportunidades de editais lançados para projetos de extensão e editais direcionados à pesquisa, por exemplo. É importante registrar que os financiamentos são oriundos de órgãos públicos como o governo e fundações, além da iniciativa privada.

Um exemplo de investimento para a área de extensão da UFSM é o PROEXT - Programa de Extensão Universitária, financiado pelo governo federal, desde 2003, que enfatiza projetos na área da inclusão social. Para o ano de 2013, serão investidos 80 milhões de reais em projetos de extensão, propostos por instituições públicas de ensino superior. É importante frisar que o valor inicial investido, na segunda edição desse programa, era de 6 milhões em 2004. Acredito que esse crescimento esteja ligado à ampliação das políticas, a partir da maior interlocução entre as pessoas atuantes na extensão como o caso do Fórum dos Pró-Reitores, um movimento de discussão forte na área, que impulsiona o fortalecimento da extensão nas universidades.

Outro exemplo é o Programa Conexões de Saberes, coordenado e financiado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECAD/MEC, que iniciou no ano de 2004. O objetivo das diferentes ações realizadas por esse programa é proporcionar aos jovens universitários a possibilidade de intervir em suas comunidades de origem. Esse programa é voltado para a qualificação da formação dos acadêmicos e para a permanência de estudantes de origem popular na universidade.

Tanto o programa Conexões de Saberes quanto o PROEXT são investimentos recentes no âmbito da extensão, em contrapartida, há o Projeto Rondon que foi criado em 1967. Esse projeto, de caráter assistencialista, buscava integrar, ocupar e desenvolver comunidades no Brasil. Seu início foi marcado como um espaço para estudantes universitários realizarem estágios, pelo contato com regiões carentes e isoladas do país. Ele foi extinto em 1989, depois de 22 anos de atividade.

Entretanto, no ano de 2003, por intermédio de uma mobilização realizada por estudantes, o Projeto Rondon foi reativado, com a proposta de aproximar acadêmicos das realidades do país, bem como contribuir no desenvolvimento das comunidades, por meio de ações de cidadania, bem estar, gestão pública, desenvolvimento local e sustentável. Esse projeto é coordenado pelo Ministério da Defesa.

Na UFSM, existe também o incentivo às ações de extensão da instituição pelo Fundo de Incentivo à Extensão – FIEEX. Ele prevê bolsas de extensão para acadêmicos e custeio para materiais e serviços a terceiros. Além dos projetos citados, existem outros, mas esses que trago à tona, são as principais fontes de financiamento de ações extensionistas que são desenvolvidas pela UFSM, conforme consulta realizada ao site da Pró-Reitoria de Extensão da instituição.

Além da extensão, outras temáticas surgiram no decorrer do primeiro encontro-dispositivo. As aprendizagens ou as formas com que, nós, mulheres do GEPEIS, fomos tocadas durante a ação extensionista, mostravam indícios de como havíamos nos afetado naquele espaço.

***“Participando ao longo dos sábados comecei a me sentir parte daquele crescimento, desenvolvimento e aprendizado que rolava solto a cada clique, a cada riso, a cada pose, a cada brincadeira corriqueira nas atividades. Percebi que cada um de nós, trazia algum significado para aquelas mulheres,***

*inicialmente tristonhas, cabisbaixas, mas muito curiosas e com vontade de mudança.”*

*“Falo de (re)invenção de si, pois penso que foi nesse caminho que me vi participando desse projeto social, com muita satisfação de estar ali, também me (re)inventando, me vendo naquelas mulheres, o que tínhamos em comum, o que nos afastava, num movimento de troca de saberes, ver aquelas mulheres empenhadas em aprender, buscar novos desafios, novos empreendimentos novas perspectivas e, principalmente olhar pra si e para as demais foi um ganho imenso.”*

*“E, as mulheres também me ensinavam o que elas sabiam, tricô, bordados, receitas de bolo. Todos os sábados tínhamos novidades para contar e assim passávamos a manhã trabalhando, aprendendo e nos divertindo.”*

*“Eu lembro, lembro com saudade daquelas mulheres e suas vidas secretas, abelhas que representavam com seus olhares, com seus sorrisos o que o coração de cada uma estava sentindo. Em círculo, trocamos confidências, sabedorias, angústias, cuidados com o corpo, a saúde, a alimentação. Juntas, (re)inventamos nossas histórias de vida a cada imagem escolhida com esmero.”*

Estar junto, compartilhar, reinventar-se. As provocações que eram feitas para as mulheres participantes do projeto, repercutiam em nós, propositores da ação. Relações que foram construídas nos olhares, nas conversas informais, nas perguntas e buscas por respostas. Dividir algumas horas, aos sábados, pela manhã, aproximou-nos de outras pessoas, realidades e histórias.

*“No início a gente começou como nós e elas, uma separação bem definida. Aos poucos a gente foi se tornando elas também e elas também um pouco da gente. Elas estavam pelo ambiente, pelo encontro, para aprender. E quando a gente começou a perceber isso, que a gente tava construindo uma coisa com elas e não pra elas, que a gente começou a mudar a nossa maneira de agir. Por isso que elas aceitaram tão bem todas as sugestões, porque elas viram que a gente tava próxima delas.”*

Entre todas as atividades realizadas durante a ação extensionista, o filme “A vida secreta das abelhas”, que já contei a você anteriormente, foi fortemente discutido, nesse primeiro encontro, depois do término do projeto. Ele repercutiu nas participantes de diferentes formas. Na intensidade das falas, no tempo de discussão

e no (re)contar as situações pelo grupo mostrou a mobilização em torno da situação vivida.

De certa forma, nesse encontro posterior, depois de alguns meses, foi que o grupo avaliou aquela atividade. Você lembra o momento em que narrei a dificuldade de encontrar um filme para trabalhar com as questões que o projeto de extensão propôs discutir? A ação de optar pelo filme mais apropriado havia causado uma tensão no grupo.

***“Na manhã que passamos o filme, muita gente chorou. Será que a gente não chorou além do filme mexer com a gente, também de certo alívio de ter dado certo? De tão tensa que a gente ficou um dia antes com aquele filme. Será que a gente não chorou pela tensão com o projeto de extensão? De querer cuidar, de querer fazer uma coisa que não depreciasse?”***

***“De certa forma o grupo não deveria ter chorado tanto, a emoção tomou conta e a gente não conseguiu contextualizar. Uma que o tempo era curto.”***

***“Notei que o filme “mexeu” bastante com o imaginário das mulheres e com o meu também por estar envolvida com a emoção de algumas ao assistir e porque esse filme em especial me toca bastante.”***

Pelas lembranças do vivido nas discussões provocadas pelo dispositivo das imagens apresentadas no início desse primeiro encontro, foi possível captar no grupo de mulheres do GEPEIS uma linha de força que pulsava: *ser mulher*. Nessa reunião, uma das participantes havia comentado que, ao receber a minha carta convidando para o encontro, lembrou-se de um filme que inspirou a sua resposta: ***“Assim como no filme “Cartas para Julieta”, algumas pessoas levam a vida inteira para voltar àquela sacada e responder a carta recebida. Existe um processo de amadurecimento. Não estou pronta para fazer isso nesse momento, Marília (Julieta).”***

Antes de a reunião terminar, no papel de cartógrafa atenta às manifestações que surgiam e, sentindo que a construção do mapa pedia passagem para a temática de “ser mulher”, propus às participantes seguirmos nessa direção e assistirmos ao filme “Cartas para Julieta”.

#### 4.1.2 O segundo encontro-dispositivo

Mais um encontro acontecia. Em um fim de tarde, durante a semana posterior, estávamos nós, oito mulheres, dispostas a conhecer/rever uma história. O dispositivo desse encontro: o filme “Cartas para Julieta”.

“Cartas para Julieta” é uma história baseada no livro de mesmo nome, escrito por Lise Friedman. É um romance que se passa na cidade de Verona, na Itália, inspirado no famoso casal apaixonado de Shakespeare. Uma jovem jornalista vai passar alguns dias com seu noivo na cidade de Verona antes do casamento. Porém, ao perceber que ele está mais interessado em fazer contatos profissionais, ela resolve conhecer a cidade sozinha. Quando visita à casa de Julieta, descobre uma



Figura 25

imensidão de cartas amorosas que são enviadas para Julieta e fica surpresa em conhecer senhoras, voluntárias que respondem a essas cartas, mandando-as de volta as suas remetentes. Ela resolve juntar-se a esse grupo e auxiliar nas respostas. Assim, ela encontra uma carta que há 50 anos foi escrita e, por estar um pouco escondida, ainda não havia sido respondida, então decide por fazê-lo. A mulher, uma senhora viúva, volta à Verona para concretizar o conselho da jovem e procurar por um antigo amor, contudo, seu neto é contra essa decisão e procura a responsável por encorajar uma antiga história de amor. A jovem decide ajudar à senhora a encontrar seu antigo romance e, então se desenrola uma linda história.

No decorrer da pesquisa, foi possível perceber que a formação que havíamos proposto, ao trabalhar com mulheres de camadas populares de Santa Maria, fazia relação à formação que também acontecia em cada uma de nós. Uma formação que não estava apenas em conhecimentos ditos científicos, mas fazia parte das relações, dos afetos, do carinho, de pensar sobre si e de se experimentar a partir das próprias provocações.

***“Um dos momentos que mais me marcou foi o da saúde da mulher. Eu não conhecia o dispositivo intrauterino, como a maioria daquelas mulheres. Eu***

***também não tinha esclarecimento. Eu fui bem curiosa pra saber muitas coisas. A gente é igual. Nós éramos todas mulheres ali. Cada uma com seus anseios, cada uma com sua vontade de aprender alguma coisa, mas nós éramos todas iguais. Isso serviu pra eu perceber que tinha uma coisa muito grande que nos envolvia, que era sermos todas mulheres. Teve muita coisa que eu aprendi com elas, com as pessoas que fizeram as palestras.”***

De modo incessante, cada pessoa vai se constituindo, nos distintos lugares que ocupa, nas relações que são construídas, e, nesse contexto, gradativamente vai tomando uma forma. A formação, aqui entendida, é um movimento pessoal que não chega ao fim, pois ela perpassa a vida. Portanto, cada ser humano se forma de uma maneira.

Não podemos formar o outro tal qual uma máquina produz determinado objeto. Cada pessoa vai se formando a partir dos próprios meios, e essa formação de si mesmo só acontece pela mediação como nos aponta Ferry (2004, p. 55) “*Los formadores son mediadores humanos, lo son también las lecturas, las circunstancias, los accidentes de la vida, la relación com los otros*”. Nesse sentido, podemos construir meios, por intermédio de cursos, livros, vivências, palestras, grupos de pesquisa e estudo, discussões, exercício da profissão e outras atividades que podem atuar como dispositivos para que a formação aconteça.

Gilles Ferry (2004) propõe que existem três condições para que aconteça o trabalho sobre si mesmo e, então possa ser considerado como formação: condição de lugar, de tempo e de relação com a realidade. Ao realizar esta pesquisa de mestrado, surgida a partir de uma ação extensionista, foi proposto construir um espaço e um tempo que problematizasse a relação com a realidade vivida anteriormente. Da mesma forma que se levou em consideração o vivido anteriormente, também foi dado espaço para outras relações que iam sendo construídas entre os participantes, ao cartografar novas linhas e compor novas possibilidades de formação.

Nesse segundo encontro, após assistirmos ao filme “Cartas para Julieta”, o debate sobre o que ele provocou nas participantes foi povoado por dois temas: a escrita e os movimentos da vida. As experiências com a escrita, por meio de cartas, ativaram lembranças nas participantes que envolviam as cartas trocadas com colegas na época do colégio, as cartas entre amigos que ainda hoje acontecem, o

convite para o primeiro encontro desta pesquisa, que foi enviado por carta, e um Trabalho de Conclusão de Curso escrito em forma de cartas.

Isso me fez lembrar “Cartas a um jovem poeta”, de Rainer Maria Rilke (2010). Esse livro é constituído de cartas trocadas no início do século XX, escritas por Rilke, poeta e escritor de prosa e romance, em resposta às cartas de Franz Xaver Kappus, um jovem que ambicionava ser poeta. Apesar de não termos as cartas endereçadas a Rilke, apenas as suas respostas, podemos acompanhar a necessidade de aprovação das escritas de Kappus, os conselhos e a relação que foi se estabelecendo entre os dois. Os temas das cartas remetem ao “voltar-se para si mesmo” e perceber a necessidade da escrita; a atenção do criador; amar e preservar a solidão; suportar a dor; o tempo, “viver e escrever no cio”; amor pelas perguntas, viver as perguntas.

Da mesma forma que Rilke trocava com Kappus ideias sobre a escrita, o nosso grupo de mulheres também se questionava e pensava sobre sentidos que a escrita tem para nós. Por que escrevemos cartas? O que as cartas significam? Quais relações construíram com a escrita a partir de cartas? Qual a diferença entre uma carta e um e-mail?

As percepções sobre a escrita por meio de carta ou de e-mail mostravam as relações com a escrita: *“A carta é sempre uma surpresa né, uma coisa que querendo ou não, no e-mail não é bem assim, quando tu manda um e-mail tu tem tantos e-mails que, é tão corriqueiro que às vezes se tu não recebe uma resposta tu acaba deixando pra lá, ou manda de novo. Agora a carta é diferente, tu enviou uma carta e parece que tu fica naquela expectativa de receber de volta, ou então tu esquece e quando tu recebe tu já renova de novo assim, como se fosse ontem que tivesse enviado, tu lembra por que tu enviou, o que tu escreveu e a resposta vem por causa disso.”*

*“Por que a gente não faz no e-mail o que se fazia na carta? Por que a gente fala da carta e, quem se dá o trabalho de ir no correio e botar uma carta? Se as coisas mudaram, se a gente já não usa mais tanto carta, por que a gente perdeu a sensibilidade no e-mail. Eu acho que não é a máquina, eu acho que é a gente.”*

A forma com que cada um se mostra na escrita tem relação com o seu destinatário: *“Eu gosto de escrever, mas não gosto que ninguém leia o que eu escrevo.”*

A diferença entre o que é falado e o que é escrito e o cuidado que se tem ao escrever: ***“Uma palavra, tu diz, e uma vez proferida é só daqueles ouvidos mais ou menos atentos, agora o que tá escrito fica muito mais elaborado. Tu fala e vai, cai no vento, agora uma coisa escrita tu volta, tu lê, tu vai ficar com aquela reflexão.”*** ***“A escrita é mais seletiva.”***

As cenas do filme, em que as secretárias de Julieta respondiam às cartas das mulheres que lhes confiavam seus segredos, provocaram, ainda, a discussão sobre o caráter indefinido da vida, sobre as novas direções que podem surgir ao acaso e, sobre os diferentes sentidos que cada um atribui para um mesmo fato. A partir desse encontro recheado de pensamentos, sobre cartas, escritas e rumos que a vida segue e nos quais, algumas vezes, o passado fica registrado em cartas, foi proposto às participantes escreverem uma carta sobre si. No mapa dessa cartografia que se compunha, forças apontavam um olhar para si, na direção de como nos vemos e nos narramos hoje e, ainda, o que gostaríamos de contar e compartilhar. É para lá que fomos.

#### 4.1.3 O terceiro encontro-dispositivo

Como dispositivo desse encontro, foi enviada uma carta, produzida por mim, para que iniciássemos o compartilhar das escritas sobre nós. Enviada por correio eletrônico, além do texto escrito, havia uma gravação com a sua leitura. A combinação era a de que cada integrante trouxesse para o próximo encontro a sua carta.

As cartas que foram escritas falavam de segredos, amores e paixões: ***“Contar-lhe-ei, aqui, sobre os homens com os quais tenho dormido, também sonhado, os homens que têm embalado meus dias, os que deixam meu coração cheio de saudade, os que têm colocado ideias na minha cabeça, outros que me fazem sentir calor e vontade de encurtar a saia.”***

Também traziam reflexões: ***“será que tenho olhado para quem sou?”***.

Falavam de músicas, poetas, medos. Falavam de histórias da infância e compartilhavam angústias: ***“o que neste momento tem me tirado o sono é o futuro, um futuro bem próximo, ano que vem, fazer TCC e estágio me deixa***

*ansiosa e com uma saudade em pensar que ano que vem tudo termina, ou começa outra vez.”*

E ainda havia as que revelavam segredos: *“Sempre fui muito simples nos meus sonhos. Nada muito mirabolante. Acho que pra ti posso contar. Tem um que chega a ser engraçado e para muitos até bobo”*. Opa! E por ser um segredo deixarei em segredo.

Trocamos nossas cartas e, assim como no filme que havíamos assistido no encontro anterior, fomos “secretárias de Julieta” por um dia. Ou seja, cada participante respondeu a carta de uma de nossas colegas de grupo. Compartilhamos, naquele momento, tanto nossas cartas como as respostas que criamos para elas, em que pudemos ser conselheiras e também dividir outras histórias.

Esse momento da pesquisa proporcionou nossa reinvenção, por intermédio de uma narrativa escrita. O parar para se olhar, estar atenta ao que mobiliza a sua vida, descrever como se sente no momento ou, ainda, permitir-se pensar sobre si, mostrou o acesso à (re)construção de fatos, de desejos, de concepções.

O partilhar das cartas possibilitou que as participantes conhecessem outras colegas de grupo, outras mulheres. Apesar de todas nós já termos dividido, pelo menos o período do projeto de extensão, poderíamos dizer que, de certa forma, o grupo se “conhecia” (algumas há tempo, outras há alguns meses), nesse sentido, já tínhamos um repertório de conhecimentos sobre a vida da outra. Então, nesse reencontro, pudemos conhecer outros traços dessas mulheres e também nos apresentar diferentemente do que estávamos habituadas.

## **4.2 Sobre o reencontro**

Na escrita deste capítulo da dissertação, busquei trazer o processo da pesquisa. O intuito foi mapear o movimento de construção do espaço de pesquisa. Procurei, ainda, trazer para discussão o contexto de onde surgiu a pesquisa: um projeto de extensão e, a partir deste, as implicações que dele fizeram parte. A forma com que cada pessoa se afetou e se deixou afetar pode ter produzido formação.

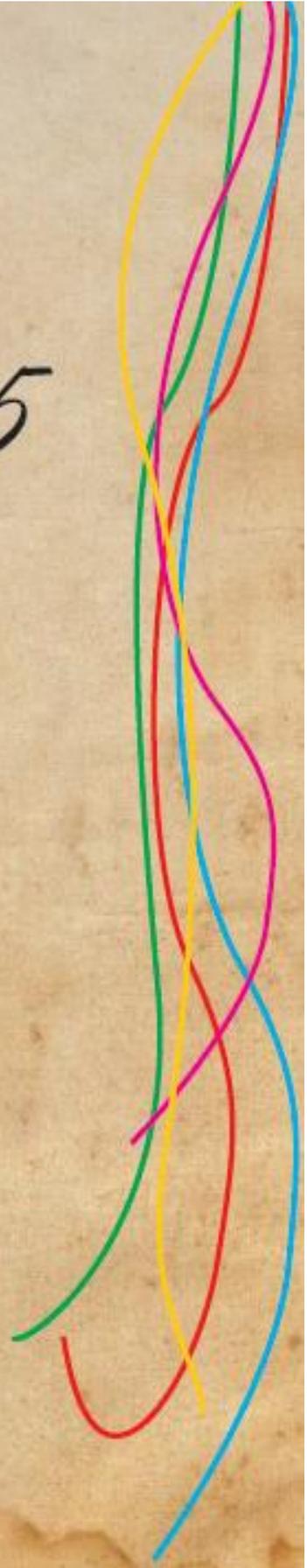
Não é possível afirmar que o espaço criado por esta pesquisa garantiu

formação a quem dela participou. Mas é possível dizer que explorei diferentes dispositivos que pudessem atuar na formação das pessoas participantes. Por essa causa, a composição desta cartografia dos encontros foi baseada na experimentação do conceito de formação, no sentido de que ela é um movimento pessoal e constante (FERRY, 2004) e, portanto, acontece em cada pessoa de forma única.

Dessa maneira, foi possível constatar que as práticas extensionistas têm potencial para criar dispositivos de formação. Por intermédio da extensão, é possível adentrar outros espaços geográficos, construindo outra relação com a comunidade em que se vive. A partir dela, os conhecimentos que são construídos na academia podem ser revistos, reorganizados, ampliados e confrontados com a realidade e, na relação com o outro é possível se reinventar. Assim, a “tal formação”, tão buscada quando ingressamos na universidade, amplia seus horizontes, mostrando que não tem cor, não tem sexo, não tem classe social. A formação depende de como nos afetamos ao nos colocar e sermos provocados por novas situações.

É leitor, acho que estou chegando ao momento em que já compartilhei com você um pouco da minha vida, de trabalhos que participei e de pessoas que convivi. Histórias, situações, falas e reflexões foram compondo, nesses últimos meses, a escrita deste trabalho, que nada mais é que o próprio processo de construção da minha dissertação de mestrado. Ainda não acabou, tenho mais algumas palavras que gostaria de partilhar com você. Mas deixarei para nosso próximo contato.

*Capítulo 5*



## 5 INTERVALO

Este capítulo, o último do trabalho, traz considerações relacionadas aos estudos e à construção desta pesquisa, em que a temática abordada não tem a pretensão de findar. Constitui-se assim, na escrita que precede um intervalo, entre o que foi construído até este momento e outras possíveis interlocuções a partir disso.

Este é um momento de eu contar algumas considerações que eu gostaria de compartilhar, sobre o processo vivenciado na construção desta dissertação, a qual você pôde acompanhar ao longo do trabalho.

O processo de vivência no curso de mestrado provocou, em mim, autora-cartógrafa, movimentos de sucessiva ordem/desordem na minha condição de sujeito. A dificuldade com a escrita, o desafio com as leituras, a necessidade de criação, o afastamento do grupo de pesquisa e repensar o que me constituiu quem sou hoje, são traços que também fizeram parte desta cartografia. Esses acontecimentos me colocaram em uma “desconfortável sensação de não estar sendo como se gostaria e, na continuidade, ser assaltado por um impulso de providenciar algo novo” (PEREIRA, 2010, p. 127).

As atitudes decorrentes disso passaram pelo processo de pensar como eu me produzo. Foi preciso me reinventar como pedagoga, como pesquisadora, como filha, mulher, enfim, como pessoa. Ao mesmo tempo em que as linhas se reorganizavam, por meio de novas conexões, produzia-se um novo território na minha vida. A insegurança, a ansiedade e as exigências comigo mesma foram diminuindo significativamente, para que eu conseguisse seguir adiante. E, esse foi um dos maiores ganhos para a minha autoformação, ao construir este trabalho.

As temáticas desta pesquisa – extensão e formação – fazem relação com minhas experiências e escolhas ao longo da vida. No Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, eu havia me dedicado à aprendizagem em atividades extraclasse, que os acadêmicos do curso consideraram importantes para a sua formação. A partir daí, foi possível mapear espaços que estavam ligados à universidade e que se configuravam para além da sala de aula, entre eles: Diretório Acadêmico, Comissão de Avaliação, Classe Hospitalar, Projetos de pesquisa, Oficinas de canto coral e percussão. Esses outros territórios de formação se

mostraram potentes, contribuindo para aprendizagens que relacionavam as teorias estudadas no curso às questões práticas, às relações entre professor e aluno, à realização de pesquisas científicas, ao conhecimento de realidades sociais em ambientes de atuação do pedagogo.

Naquele momento, como pesquisadora, pude concluir que era importante assumir e divulgar o espaço extraclasse como possibilidade de qualificar a formação dos acadêmicos do curso de Pedagogia da UFSM. A partir dessa constatação, a opção pela minha pesquisa de mestrado partir de um projeto de extensão, considerando-o uma atividade que sai do ambiente da sala de aula para se realizar, possibilitou ampliar o entendimento acerca dos dispositivos que atuam na formação, bem como direcionar o olhar para atividades de extensão. Logo, ao focar para a ação extensionista, intitulada “Universidade-Sociedade: uma ação coletiva pela formação de mulheres”, desenvolvida pelo GEPEIS, foi possível construir possíveis relações entre a extensão e a formação de professores.

O espaço ocupado pela extensão, na relação entre academia e comunidade, proporcionou trocas e construção de novos conhecimentos. Na relação estabelecida entre o contato com a realidade e o trabalho realizado com as necessidades da comunidade, buscando contribuir para a vida das pessoas envolvidas, constituíram-se afetos e aprendizagens.

Olhando para a formação de professores, a partir da minha experiência e da experiência do outro, em um projeto de extensão, foi possível perceber o caráter processual da mesma, que implica em diferentes intensidades e movimentos que vão gerando a construção permanente de si.

A produção de si acontece a partir do grau em que somos afetados por determinadas situações. Pela ação de extensão podemos relacionar a formação dos participantes por meio da implicação nas atividades no decorrer do projeto.

Com esta pesquisa foi possível visualizar como as temáticas das atividades propostas no desenvolvimento da ação – formação cultural, saúde da mulher, alimentação – produziram um movimento de formação que acionou, além do público alvo, nós, participantes do GEPEIS. Assim, podemos concluir que, apesar do projeto ter por objetivo contribuir com dispositivos para a formação de mulheres de camadas populares, ele implicou diretamente na formação de quem o estava gestando.

Posterior à realização do projeto de extensão, aconteceram três encontros com os participantes da pesquisa. Nesses encontros, buscou-se proporcionar ao

grupo envolvido, um espaço que pudesse avançar nas discussões provocadas durante o projeto de extensão e, assim, foram criados novos dispositivos que levaram a outras construções e experimentações de quem participava, com a intenção de ampliar a formação das pessoas.

Gostaria de deixar registrado que as ideias abordadas na composição desta dissertação têm relação com a ferramenta metodológica utilizada na pesquisa: a cartografia. Os estudos desta área me ajudaram a olhar para a pesquisa que atenta aos movimentos e às composições que vão surgindo, dando espaço ao acaso. Nesse sentido, a utilização da cartografia não buscou a aplicação de um método, mas, propôs-se a experienciá-lo, dando espaço à criação e à intervenção (PASSOS; KASTRUP; ESCÓCIA, 2010).

Portanto, a partir do acompanhamento do processo, que aconteceu durante o ano de 2011, os dados da pesquisa foram sendo construídos. Desde a organização do projeto de extensão, perpassando as atividades desenvolvidas, foi possível construir uma cartografia da vivência no projeto citado anteriormente.

Enfim, acredito que ao realizar um projeto de pesquisa, partindo de um projeto de extensão, é possível perceber que a formação das pessoas envolvidas pode ser acionada por diversas atividades-temáticas-relações, em um espaço diferenciado, novo, por assim dizer, uma vez que cada experiência é singular.

Ao construir um mapa o que fica registrado é o que foi possível apreender naquele momento. No verão, o mesmo já poderá apresentar novas ligações, outros atalhos e desvios. Novas rotas podem surgir ou desaparecer. Outras legendas poderão ser (des)necessárias. Sentidos outros poderão ser captados e transformados nessa composição.

Querido leitor, gostaria de agradecer a sua companhia no decorrer da construção desta cartografia, ou seja, no processo de escrita desta dissertação. A finalização desta escrita não constitui um término em si, mas um tempo de construir novas linhas a partir destas. A minha formação se deu nesse enredo, nos desafios que me propus a realizar, na abertura de novos espaços a partir do que já tinha, ao observar as intensidades que circularam com o outro e comigo. Novas linhas de força pedem passagem: é a produção de si que nos convoca a todo o momento.

## REFERÊNCIAS

- ARENHALDT, Rafael. **Vidas em Conexões (in)tensas na UFRGS: o Programa Conexões de Saberes como uma Pedagogia do estar-junto na Universidade**. Porto Alegre, 2012. (Dissertação de mestrado) Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39664/000826369.pdf?sequence=1>  
Acesso em: 15/10/12.
- BAREMBLITT, Gregório. **Introdução à Esquizoanálise**. 2.ed, Belo Horizonte: Biblioteca Instituto Félix Guattari, 2003.
- BARROS, Regina Benevides de. **Grupo: a afirmação de um simulacro**. Porto Alegre: Sulina/Ed. Da UFRGS, 2ª ed. 2009.
- BENVENUTTI, Vera Lúcia Schneider. Extensão universitária: momentos históricos de sua institucionalização. **Revista Vivências**. Erechim. v. 1, n. 2 p. 8-17 MAI, 2006  
In:  
[http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero%20002/artigos/area\\_comunicacao/area\\_comunicacao\\_01.htm](http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero%20002/artigos/area_comunicacao/area_comunicacao_01.htm) . Acesso em: 10/ago/2012.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, 2001, n.19, p. 20-28.
- BRASIL. **Decreto nº 19.851**, de 11 de Abril de 1931. Estatuto das Universidades Brasileiras.
- BRUM, Lucas Motta. **Das construções de si ao devir clínico: uma cartografia afetiva de trajetórias acadêmicas**. Trabalho Final de Graduação. Santa Maria: UNIFRA, 2010.
- CALDERÓN, Adolfo Ignacio (org.). **Educação superior: construindo a extensão universitária nas IES particulares**. São Paulo: Xamã, 2007.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. v. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. v. 4. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

FERRY, Gilles. **Pedagogia de la formación**. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2004.

FLORES, João Rodolpho Amaral. [Entrevista Extensão em perspectiva: transições, oportunidades e desafios]. **Revista de Extensão UFSM**. v. 2, n. 1, 2011. Disponível em: [http://cascavel.ufsm.br/revista\\_ccne/ojs/index.php/ccnext/article/view/599/394](http://cascavel.ufsm.br/revista_ccne/ojs/index.php/ccnext/article/view/599/394) Acesso em 22 abr 2012.

EIZIRIK, Marisa Faermann. **Michel Foucault: um pensador do presente**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2ªed. 2005.

FONSECA, Tania Mara Galli; KIST, Patrícia Gomes. (Orgs.) **Cartografias e Devires: a construção do presente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2002. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/beb/textocompleto/008802> Acesso em 22 de julho de 2011.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana da. (Orgs.) **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana da. (Orgs.) **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 76-91.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de et al. El grupo como experiência formativa. In: III CONGRESO INTERNACIONAL DE EDUCACIÓN: construcciones y perspectivas, 2009, Santa Fé – Argentina. **Anais...** Santa Fé: UNL, 2009.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Implicar-se... Implicando com professores: tentando produzir sentidos na investigação/formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. As xícaras amarelas: imaginários e memória de uma rede de pesquisa. In: PERES, L.M.V. (Org.) **Imaginário: o “entre-saberes” do arcaico e do cotidiano**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária/ UFPEL, 2004.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de et al. Dispositivo de formação: vivências no espaço grupal. In: **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 134-147, jan./jul. 2010. Disponível em: [http://www.cidadesp.edu.br/old/revista\\_educacao/pdf/volume\\_3\\_1/valeska.pdf](http://www.cidadesp.edu.br/old/revista_educacao/pdf/volume_3_1/valeska.pdf) Acesso em 15 de agosto de 2009.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana da. (Orgs.) **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PELBART, Peter Pál. **Elementos para uma cartografia da grupalidade**. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/proximoato/pdf/textos/textopeterpelbart.pdf> Acesso em 04 de julho de 2011.

PEREIRA, Marcos Villela Pereira. Sobre histórias de vida e autoformação: um enfoque ético e estético. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **(Auto)biografia e Formação Humana**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 123-138.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2009.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, António e FINGER, Matthias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

**PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**. Disponível em: [www.renex.org.br](http://www.renex.org.br) Acesso em: 28 de fevereiro de 2011.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana da. (Orgs.) **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

KASTRUP, Virgínia. Cartografias literárias. **Revista do Departamento de Psicologia da UFF**, 14.2, p. 75-94, 2002. Disponível em: <http://www.psicologia.ufrj.br/pospsi/cartografias.pdf> Acesso em: 25 de maio de 2011.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

SOUTO, Marta. **El carácter de “artificio” del dispositivo pedagógico en la formación para el trabajo**. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. CENTRO DE EDUCAÇÃO. **Projeto Universidade-Sociedade**: uma ação coletiva pela formação de mulheres. 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Política de Extensão**. 2007.

## ANEXOS

### ANEXO A – Termo de Confidencialidade

#### TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

**Título do projeto:** A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E UMA AÇÃO EXTENSIONISTA: CARTOGRAFANDO UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA

**Pesquisador responsável:** Valeska Fortes de Oliveira

**Autora:** Marília Regina Hartmann

**Instituição/Departamento:** PPGE/CE/UFSM

**Telefone para contato:** (55) 32193757 / (55) 99350545

As pesquisadoras do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos pacientes cujos dados serão coletados através de gravação de áudio e imagens. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas no (a) sala número 3341A do Centro de Educação por um período de cinco anos, sob a responsabilidade da pesquisadora responsável. Após este período, os dados serão destruídos. Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM em ...../...../....., com o número do CAAE .....

Santa Maria,.....de .....de 20.....

.....  
*Valeska Maria Fortes de Oliveira – CI 3013717446*

.....  
*Marília Regina Hartmann – CI 1084468352*

## **ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título do estudo:** A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E UMA AÇÃO EXTENSIONISTA: CARTOGRAFANDO UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA

**Pesquisador(es) responsável(is):** Valeska Maria Fortes de Oliveira

**Autora:** Marília Regina Hartmann

**Instituição/Departamento:** PPGE/CE/UFSM

**Telefone para contato:** (55) 32193757 – (55) 99350545

Prezado (a) Senhor (a):

- Você está sendo convidado (a) a responder às perguntas deste questionário de forma totalmente **voluntária**.
- Antes de concordar em participar desta pesquisa é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento.
- A pesquisadora deverá responder todas as suas dúvidas antes que você decida a participar.
- Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

**Objetivo do estudo:** A partir de uma experiência, realizada por integrantes de um grupo de pesquisa em uma ação extensionista, tenho como objetivo geral cartografar os processos de produção de subjetividade e as experiências formadoras a partir de dispositivos acionados. Nesse sentido, busco conhecer como e quais os dispositivos e seus efeitos, ao em um trabalho realizado por um grupo de professores; investigar as significações imaginárias acerca da formação no espaço grupal e mapear as experiências em um projeto de extensão através da implicação dos professores do grupo.

**Procedimentos:** Sua participação nesta pesquisa consistirá em participar dos encontros-intervenção, onde será problematizada questões relacionadas à sua experiência em um projeto de extensão. Também, será solicitada uma escrita a partir desta experiência.

**Benefícios:** Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, possibilitando através deste processo pensar em como você se forma professor.

**Riscos:** Participar desta pesquisa não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

**Sigilo:** As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pela pesquisadora responsável. Os sujeitos desta pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu \_\_\_\_\_, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Santa Maria, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011.

\_\_\_\_\_

Assinatura do colaborador

\_\_\_\_\_

N. identidade

Eu, Marília Regina Hartmann, declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa para a participação neste estudo.

Santa Maria, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011.

\_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora

\_\_\_\_\_

N. identidade